



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
CURSO: LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Experiências e Percepções Sobre o Ensino Híbrido na  
Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Contexto de  
COVID-19.

**Candidato:** Fidélcio Hilário Amade

**Supervisor:** Johane Francisco Chibaio Zonjo

Maputo, Novembro de 2022

Experiências e Percepções sobre o Ensino Híbrido na Universidade Eduardo Mondlane  
(UEM) em contexto de COVID-19.

Trabalho de Culminação do Curso apresentado na modalidade de projecto de pesquisa  
ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências  
Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em cumprimento parcial  
dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

Aprovado no dia 08 de Novembro de 2022

Candidato:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Supervisor

\_\_\_\_\_  
Presidente

\_\_\_\_\_  
Oponente

## **Declaração**

Eu, Fidélcio Hilário Amade, estudante do curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau académico. O trabalho constitui o resultado da minha pesquisa individual feita com base em fontes bibliográficas e no método descrito no texto.

---

Fidélcio Hilário Amade

## **Dedicatória**

À memória da minha mãe Rosa Napela

## **Agradecimentos**

Para mim, agradecer é um acto que faz valer a dignidade do ser humano e a relação que estabelece com outro em cada momento da sua vida. Sendo assim, em primeiro lugar agradeço a Deus Pai todo-poderoso pelo dom da vida, por me guardar, pela força, protecção e pela graça de realizar este trabalho.

Agradeço a todo o corpo docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia pelas contribuições, conselhos e conhecimentos transmitidos durante o meu percurso estudantil. Em especial a Dra. Sónia Seuane e Dra. Margarida Paulo pelo incentivo, ao meu supervisor Dr. Johane Franciaco Chibaio Zonjo pela disponibilidade, humildade, críticas e estímulos durante a produção deste trabalho. O meu muito obrigado!

Agradeço aos meus colegas do curso de Antropologia, turma de 2018. Aos meus amigos: Carlitos Romão Tomé; Momade Saíde Aiúba; Moisés Perai André; Vânia Raivoso; Saugina Macuácuá; Esaú Ndimba e Aurélio Oliveira. Ao meu grupo de estudo composto por, Carlitos Romão Tomé, Momade Saíde Aiúba e Vânia Marciel Raivoso, e em especial ao meu irmão Carlitos Romão Tomé que esteve sempre presente na minha vida estudantil e que fez tudo para que este trabalho se tornasse o que é hoje.

Ao meu pai, Hilário Amade, pelo seu amor incondicional, que em cada chamada que faz produz um diferencial na minha vida. Aos meus irmãos: Carlitos Hilário Amade; Vicente Hilário Amade; Félix Hilário Amade; Alexandrina Hilário Amade; Maria Olinda Hilário Amade; Gabriel Hilário Amade e Albertina Hilário Amade, aos meus sobrinhos: Ló Amy, Generosa, Arlindo, Genetércia, Claudina, Genepascoal, Josuastina, Mário, Fátima, Orlando, Angélica, Amisse, Romoaldo, Geraldo, Clito, Clício, Tércio, Neoclídio, Emerson e Hilário. Aos meus cunhados: Teresa Dias Erupo; Afia Alberto; Xavier Avelino e Isabel Carlos Sirage.

Agradeço a minha namorada Elizabeth da Graça Adelaide Lopes Muina pelas forças que sempre me deu para ir atrás dos meus sonhos, os agradecimentos vão também para o meu amigo/irmão da infância Nélio Domingos Artur, ao Issufo Ali pelo acolhimento, finalmente, ao meu irmão/amigo Mussa Chumbua pela revisão linguística. Obrigado a todos pela força e motivação que sempre me deram para correr atrás dos meus sonhos.

De igual modo, agradeço a todos os meus informantes da Universidade Eduardo Mondlane, em especial ao chefe dos recursos humanos da faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, ao Professor Doutor Hilário Madiquida, Chefe do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) e, a secretária da Faculdade de Educação por me

terem ajudado a tornar este estudo uma realidade. Finalmente e, agradeço a todos que directo/indirectamente contribuíram para o bom andamento e realização deste trabalho.

O MEU MUITO OBRIGADO!

THANK YOU!

KOOXUKHURU!

KHANIMAMBO!

KULAMBWALELA!

ASANTESANA!

## **Resumo**

O presente trabalho tem como tema: Experiências e Percepções sobre o ensino Híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em contexto de COVID-19. O estudo tem como objectivo geral, compreender as experiências e percepções dos professores e dos estudantes sobre o ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane.

De modo particular procurou-se identificar as estratégias traçadas para a ministração das aulas; assim como detalhar como é que a COVID-19 e o método híbrido reconfiguraram a organização do modelo de ensino e aprendizagem, com vista a descrever as experiências e percepções dos docentes e dos estudantes sobre o Ensino híbrido adoptado pela UEM, através da pesquisa bibliográfica e documental, trabalho de campo.

O estudo mostra que as percepções existentes sobre o ensino híbrido variam entre a liberdade no espaço e no tempo para os usuários, assim como novas formas de saber, e que para sua melhoria requer mais investimento. Concluimos que apesar das dificuldades enfrentadas, tanto professores como estudantes olham para o ensino híbrido como uma metodologia viável a ser investida nela, tendo em conta os seus benefícios para o processo de ensino e aprendizagem no ensino superior, especificamente para a Universidade Eduardo Mondlane.

**Palavras-chave:** Ensino Híbrido, miscigenação, educação no ensino superior, políticas públicas, percepções e ensino e aprendizagem.

### **Lista de abreviaturas e acrónimos:**

**AVA** – Ambiente Virtual de Aprendizagem

**BRM** – Boletim da República de Moçambique

**BCBM** – Biblioteca Central Brazão Mazula

**CEA** – Centro de Estudos Africanos

**CNE** – Conselho Nacional de Educação

**CRM** – Constituição da República de Moçambique

**DAA** – Departamento de Arqueologia e Antropologia

**EH** – Educação Híbrida

**EH** – Estratégia Híbrida

**EH** – Ensino Híbrido

**EaD** – Ensino à Distância

**FAEF** – Faculdade de Agronomia e de Engenharia Florestal

**FACED** – Faculdade de Educação

**FLCS** – Faculdade de Letras e Ciências Sociais

**IST** – Instituto Superior Técnico

**OMS** - Organização Mundial da Saúde

**SIMEDUC** – Simpósio Internacional de Educação e Comunicação

**TDIC's** – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

**TIC's** – Tecnologias de Informação e Comunicação

**UEM** – Universidade Eduardo Mondlane

**UMUM** – Universidade Metodista Unida de Moçambique

**PAPC** – Plano de Acção para a Prevenção do Coronavírus

**MINEDH** – Ministérios da Educação e Desenvolvimento Humano

**MCTESTP** – Ministério de Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional



## **Índice**

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Palavras – chave.....	v
Lista de abreviaturas e acrónimos:.....	vi
Capítulo I.....	1
Introdução.....	1
Contextualização.....	1
Problemática.....	3
Objectivos:.....	5
Justificativa.....	6
Capítulo II.....	9
Revisão de Literatura.....	9
Perspectiva Pedagógica.....	9
Perspectiva Sócio-antropológica.....	11
Capítulo III.....	14
Quadro Teórico e Conceptual.....	14
Capítulo IV.....	16
Metodologia de Pesquisa.....	16
Técnicas de Pesquisa.....	16
Pesquisa Bibliográfica e Documental.....	16
Entrevistas semiestruturadas.....	17
4.2.1. Instrumentos usados na recolha de dados.....	19
Perfil dos participantes da pesquisa.....	19
Capítulo V.....	22

Apresentação e Discussão dos Resultados da Pesquisa.....	22
Estratégias traçadas pela UEM na ministração das aulas em contexto pandémico.....	22
Uso de plataformas digitais.....	22
<i>Redimensionamento</i> das salas de aulas e redução do número de estudantes.....	24
Experiências e Percepções dos Estudantes e Docentes sobre o Ensino Híbrido.....	26
Percepções de Estudantes.....	26
a) Percepção de que ensino híbrido abre o espaço para novas formas de saber...26	
b) <i>Percepção de que o ensino híbrido dá liberdade no espaço e no tempo para estudar.....</i>	28
c) <i>Percepção de que o ensino híbrido requer investimento.....</i>	29
Experiências e percepções dos professores.....	34
a) Percepções de que o ensino híbrido abre espaço para novas formas de saber..34	
b) <i>Percepção de que o ensino híbrido requer investimento financeiro para aceder as plataformas.....</i>	36
c) Percepção de que o ensino hibrido dá liberdade no espaço e no tempo.....	39
Experiências e Percepções dos pais/encarregados de educação sobre o Ensino Híbrido.....	42
Capítulo VI.....	426
Conclusão.....	466
Referências Bibliográficas.....	478
Livros, Artigos e Monografias.....	51

## Capítulo I

### 1. Introdução

O presente trabalho, com o título “*Experiências e percepções sobre o ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em contexto de COVID-19*”, resulta de um projecto de investigação apresentado para a aquisição de grau de licenciatura em Antropologia, leccionada pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

#### 1.1. Contextualização

A eclosão da pandemia da COVID-19 no mundo, trouxe mudanças no mundo e criou o que viria a se chamar de “novo normal”. O mundo registou várias mudanças no seio da sociedade, desde de natureza económica, social, política, educacional, etc. A área educacional foi uma das que sofreu o impacto da pandemia da COVID-19. Nesta área, autores como Pinto (2020) e Santos et al (2021) afirmam que o isolamento social e a suspensão das actividades presenciais de ensino, tornaram necessária adopção do ensino remoto como medida para assegurar o distanciamento social. Esta situação, configurou um desafio à sociedade em geral e à comunidade escolar, em particular, a adaptar-se ao novo contexto social. Neste sentido, autores como Oliveira e Chaves (2020), por exemplo, sustentam que o ensino superior deixou de ser presencial e passou a ser remoto, desde o início do isolamento e com as restrições impostas pela COVID-19.

Deste modo, o aparecimento da pandemia originou diversas mudanças a nível mundial, incluindo a sociedade moçambicana. Na área educacional em Moçambique, foi massificado um novo sistema de ensino, designado “*ensino híbrido*”. Trata-se de um sistema que já existia, cuja sua implementação era opcional. Mas, com a eclosão da COVID-19, este sistema passou a ser privilegiado e como forma de fortificar o processo de ensino-aprendizagem quer nas escolas privadas como públicas.

Assim, a COVID-19 transformou a vida dos estudantes e professores do ensino superior em todo mundo e em Moçambique, em particular, com implicações na maneira como esses alunos passaram a viver e trabalhar. Por exemplo, autores como Santos et al (2020), Lumbeta (2017) e Santos et al (2021) ilustram que há, de parte dos professores, maiores dificuldades na preparação das aulas que demandam mais tempo, devido a

gravação e audição de vídeos, publicação de actividades no ambiente e realização da tutoria dos alunos.

Entretanto, assistiu-se que para responder à nova realidade imposta pela COVID-19, as escolas e universidades passaram a introduzir um meio pelo qual podiam usar para a ministração das aulas a partir de casa, designado método híbrido.

O método Híbrido é um sistema utilizado de forma diversificada para ministração das aulas, em que, o ensino acontece de forma alternada entre aulas presenciais e virtuais. Através desse método, as aulas virtuais podem ser acessíveis em qualquer lugar, espaço e tempo, de acordo com a disponibilidade e as necessidades de cada interveniente.

Autores como Sales et al (2020), Silva et al (2020) e Andrade e Monteiro (s/d) olham o ensino híbrido como algo que consiste em uma mistura de actividades, entre as presenciais e à distância, dando mais possibilidades ao professor de desenvolver e capacitar seus discentes para um novo mundo. Portanto, o ensino remoto consiste em realizar aulas virtuais em tempo real no mesmo horário que aconteciam as aulas presenciais além do mesmo conteúdo programado.

Para alguns autores, como Mabota e Guambe (2021), o recurso às plataformas virtuais mostram-se como um grande desastre, pois, o aluno e o professor não foram preparados para o seu uso, para além de que a cobertura de rede de Internet é fraca e sem qualidade.

Desde modo, o ensino híbrido se coloca como uma solução actual e futura para que as escolas e institutos de ensino superior dêem continuidade às suas actividades de ensino durante o período de tantas mudanças e incertezas geradas pela COVID-19.

Historicamente, o ensino híbrido surgiu com o intuito de facilitar a vida de pessoas nas suas actividades e nas suas relações, principalmente no processo de ensino-aprendizagem. Como afirmam Silva et al (2000) e Sales et al (2020), o termo “*ensino híbrido*” surgiu por volta de ano 2000, e teve como objectivo dar oportunidade para quem gostaria de estudar, mas não tinha tempo ou para aqueles que tinham idade avançada para frequentar o ensino regular, e também facilitar o ingresso nas instituições de ensino superior.

Em parte, os autores frisam que há várias formas de conceituar o ensino híbrido, mas a forma *blended learning* (misturada) é a melhor forma de entender a metodologia de ensino, pois nela consiste em misturas de actividades presenciais com as actividades à

distância, dando mais possibilidades ao professor de desenvolver e capacitar seus discentes para um novo mundo.

## **1.2. Problemática**

As transformações operadas por força da pandemia da COVID-19 no mundo e no campo da educação, levaram ao uso massivo do método Híbrido de ensino, com vista a assegurar a ministração de aulas de forma remota, com vista a manter o distanciamento social, também afectaram Moçambique.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2020), até no dia 30 de Março de 2020, o Coronavírus já tinha infectado mais de meio milhão de pessoas a nível mundial, das quais cerca de trinta mil foram declaradas mortas. Desde dia 23 de Março de 2020, Moçambique passou a fazer parte da lista de países com casos confirmados da doença provocada pelo novo Coronavírus, facto que levou à introdução de novas formas de viver e conviver na sociedade moçambicana (Cambrão e Julião 2020).

A resposta do Governo Moçambicano em relação à COVID-19, foi a de declarar um Estado de Emergência, acompanhado de um conjunto de medidas restritivas. No campo da educação, uma das medidas tomadas foi a suspensão das aulas presenciais como forma de conter a propagação da pandemia, orientando para o ensino virtual (*online*) nas instituições de ensino, quer públicas como privadas. Como efeito, Moçambique anunciou o Estado de Emergência no dia 30 de Março, como ilustra o decreto presidencial n.º 11/2020, de 30 de Março, artigos 1, 2 e 3, alínea b) e a suspensão das aulas em todas as escolas públicas e privadas, desde o ensino pré-escolar até ensino universitário, com intuito de manter o distanciamento social e salvaguardar a vida e saúde públicas dos moçambicanos (Serra, 2020).

Assim, os Ministérios da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) e Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e Técnico Profissional (MCTESTP), optaram pela introdução do ensino híbrido nas instituições de ensino superior a nível nacional, para suprir os condicionalismos impostos pela COVID-19.

A Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento com o decreto presidencial, estipulou no dia 23 de Março, o encerramento das actividades a nível da instituição, como forma de prevenção a propagação da COVID-19. Na carta dirigida à comunidade universitária e, aos estudantes em particular, o Reitor da UEM disse: “a causa que vos

leva a não estarem presentes no Campus é um assunto que diz respeito ao nosso Estado, uma questão de sobrevivência da humanidade e prende-se como sabem, com o nosso desejo de ter uma UEM livre do Coronavírus” (Quilambo, 2020).

Deste modo, o Reitor recomendou ainda que os estudantes que estivessem nas residências universitárias as abandonassem na melhor oportunidade, pois os aglomerados são por excelência os focos de maior infecção. Acrescentou ainda que a ausência física dos estudantes não devia significar estar distante da universidade, cujos professores deviam elaborar conteúdos de ensino para que os mesmos pudessem acompanhar as actividades escolares (Quilambo, 2020).

A massificação do ensino híbrido na UEM, apesar de ser uma forma de suprir as necessidades em tempo de pandemia, trouxe mudanças significativas quer da parte dos estudantes, como também dos professores, tendo em conta os recursos utilizados o processo de ensino-aprendizagem. Estas mudanças foram de várias ordens, desde casos de alguns estudantes que não puderam participar nas aulas no tempo e hora marcada por razões tecnológicas, o fraco domínio do uso das plataformas digitais, não só por parte dos estudantes como também dos professores, o que teve seu impacto na qualidade de ensino e aprendizagem em tempo de pandemia.

Na 5ª Carta do Reitor da UEM aos estudantes de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, apela o reforço das medidas de prevenção e aderência dos estudantes às aulas virtuais para minimizar o distanciamento entre professores e estudantes.

Numa das suas cartas à comunidade académica, o Reitor da UEM afirma que o processo de leccionação de aulas virtuais continuava a ser realizado de forma satisfatória, com Faculdades/Escolas que cumprindo com os horários das aulas presenciais, enquanto outras enviam diferentes matérias, todas com o intuito de garantir um mínimo de acesso por parte dos estudantes nos conteúdos temáticos. A carta reconhecia que o processo do ensino virtual não era abrangente para todos os estudantes da melhor forma, mas recomendava aos que conseguissem aceder as plataformas digitais que se aproximassem dos outros que não tivessem condições para o efeito, obedecendo ao distanciamento social (Quilambo, 2020).

Constatamos que a COVID-19 afectou a camada estudantil e o corpo docente da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Autores como Segata (2020) apontam que os impactos da COVID-19 nas instituições de ensino superior em Moçambique foram: (i)

encerramento das aulas presenciais; (ii) lacunas na utilização de meios tecnológicos por parte dos docentes e estudantes, visto que, a maioria das instituições de ensino superior não tinha experiência de ensino *online* e, (iii) problemas em tesouraria em resultado da redução drástica das receitas face ao pagamento regular das propinas.

Este facto despertou e continua a despertar interesse em compreender as experiências e percepções vividas pelos estudantes, docentes e o corpo administrativo no uso do método híbrido em tempo de pandemia de COVID-19, quando a instituição procurou materializar as orientações dos decretos presidenciais que declaravam o estado de emergência nacional, através da introdução do ensino híbrido. Assim, este estudo visa responder a seguinte pergunta: *Quais são as experiências e percepções que estudantes e docentes têm em relação a implementação do ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane em contexto da pandemia da COVID-19?*

## **Objectivos:**

### **1.3.1 Objectivo geral:**

O objectivo geral do trabalho é de analisar as experiências e percepções dos estudantes e docentes sobre o ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em contexto de COVID-19.

### **1.3.2 Objectivos específicos:**

O trabalho tem os seguintes objectivos específicos:

- ✓ Identificar as estratégias traçadas pela UEM para a ministração das aulas em contexto da pandemia da COVID-19;
- ✓ Descrever como é que a COVID-19 e o método híbrido reconfiguraram a organização do modelo de ensino e aprendizagem na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e;
- ✓ Descrever as experiências e percepções dos estudantes e docentes sobre o ensino híbrido adoptado pela UEM.

## **2. Justificativa**

O interesse pelo tema deve-se precisamente nas observações tidas durante o período de Estado de Emergência e pela revisão de literatura feita sobre a educação e/ou ensino híbrido de forma geral, e Moçambique em particular, com enfoque à nova forma de ensino-aprendizagem nas escolas. Também me é significativo apontar que o interesse

pelo assunto nasce depois de ter constatado os desafios tecnológicos que estudantes e docentes têm enfrentado no uso de plataformas digitais para a materialização das aulas.

O olhar antropológico, nesta pesquisa, inclina-se em dois campos de saber: Antropologia das Políticas Públicas e Antropologia da Educação e Cultura. Deste modo, o assunto prende-se pelo facto de que a estratégia adoptada a sua introdução nas escolas é parte integrante do currículo do ensino superior. Aqui, as ciências sociais vêm desencadeando os estudos que procuram compreender os pressupostos dos currículos de ensino-aprendizagem e a Antropologia não está fora desta preocupação.

O primeiro campo é o das políticas públicas, cujas mesmas tornam-se relevantes na medida em que vão compreender um fenómeno numa determinada organização e pessoas que fazem parte duma instituição. Aliando-se da ideia de Shore e Wight (1997), é chamada Antropologia das Políticas Públicas porque ela estuda as instituições poderosas e organizações burocráticas, pois tais instituições e seus sistemas de rede afectam a vida das pessoas. E não só, foram os antropólogos que explicaram os processos de poder e criaram os sistemas culturais actuais e as ligações entre eles.

Para estes autores, uma antropologia da política não se preocupa apenas em representar o local “cultural” indígenas ou marginalizadas para formuladores de políticas, mas sim agências governamentais ou ONG’s em causa.

Desta feita, Shore e Wight (1997) afirmam que o foco da Antropologia das Políticas Públicas é simultaneamente mais amplo e mais estreito: É dito mais amplo na medida em que seu objectivo é explorar como o Estado relaciona-se com o local e as populações; e mais estreito na medida em que seu foco etnográfico tende privilegiar o objectivo de compreender, como as políticas estaduais, e os processos governamentais são vivenciados e interpretados por pessoas a nível local, tendo em mente que antropólogos estão reformulando o local ou a “comunidade” para capturar a mudança de realidades.

Neste sentido, importa-nos referir que, este estudo é mais uma contribuição científica no debate antropológico sobre o uso das ferramentas tecnológicas, de modo a enriquecer as abordagens pedagógicas e, servir de base para que outras pessoas possam ter um novo olhar a respeito do ensino híbrido adoptado pela UEM.



Assim, o estudo é muito mais relevante na área antropológica na medida em que vá em busca das compreensões de como o Estado se relaciona com a população e, não só como é que as pessoas agem em nome das políticas públicas, em concordância com Shore e Wight (1997) e Wedel, et al (2005).

O segundo campo é o de Antropologia da Educação e Cultura. Neste campo, o foco reside em questões culturais sobre um determinado fenómeno social, portanto, a adopção do ensino híbrido nas escolas, face às restrições impostas pela COVID-19, à regra, constitui uma realidade social.

Importa também salientar, que a pesquisa é de grande importância na área antropológica, pois se interessa com questões educacionais, na medida que vão em busca das práticas, experiências e percepções das comunidades locais em volta de um determinado fenómeno social, e como tal, abre o espaço para pensar-se sobre o futuro da educação pós-pandemia de COVID-19, em concordância com Dias e Pinto (2020).

Em suma, a antropologia e as demais ciências sociais tomam a sua importância na escala global, no caso de COVID-19, tendo pontos a considerar:

Primeiro ponto: Qualidade. A antropologia, de costume, treina os seus pesquisadores com método qualitativo assim sendo, casos, números, prevalências têm visibilidade, trajectória e biografia para as suas pesquisas, pois, eles partilham experiências e compõem ambiente, e/ou, os fenómenos globais são sempre actuados a partir de contextos locais. Neste caso, o global realiza-se a partir de materialidade e práticas situadas.

Em relação à sua estrutura, o trabalho começa pela introdução, onde constam os elementos como a contextualização, problematização, objectivos de estudo e a justificativa. De seguida, apresenta-se a revisão de literatura, onde constam diversos posicionamentos sobre a matéria em estudo. Na parte seguinte, apresentam-se os procedimentos metodológicos adoptados no presente estudo. A seguir, apresenta-se o quadro teórico e conceptual. De seguida, apresenta-se a parte de análise e interpretação de dados, onde discutem-se desde as estratégias adoptadas pela Universidade Eduardo Mondlane no âmbito de implementação do ensino híbrido, experiências vividas pelos professores e estudantes, assim como as suas percepções, e por último, apresentam-se as conclusões.

## **Capítulo II**

### **2. Revisão de Literatura**

A matéria de educação tornou-se problemática para investigação em diferentes campos de saber, nas ciências sociais em geral e cada um com suas abordagens específicas e a Antropologia não fugiu da regra. Nesta parte do trabalho, o principal interesse centra-se em analisar a literatura útil sobre as percepções tidas em sobre ensino híbrido nos contextos internacional e nacional.

A partir das leituras feitas, constata-se que existem diversas perspectivas sobre o ensino híbrido, assim sendo, agrupamo-las em duas (02) categorias nomeadamente: a perspectiva pedagógica e a perspectiva socio-antropológica.

#### **2.1. Perspectiva Pedagógica**

O primeiro grupo olha o ensino híbrido como resultado do avanço tecnológico na área pedagógica. Esta corrente é composta por: Sales et al, (2020); Silva (2020); Lencastre e Araújo (2007); Moran (2015) e Castro et al (2015)

Aqui, a perspectiva pedagógica está para desmembrar a pedagogia de como era considerada e caracterizada nos séculos passados e como é considerada e caracterizada nos dias de hoje com a introdução do ensino híbrido nas escolas.

Primeiro, pretendo trazer um pequeno historial sobre a pedagogia nos séculos passados e de seguida, entrarei nos dias de hoje, para melhor situar o tema em estudo.

De acordo com Gouthier (citado por Lima, Dalva s/d), a pedagogia dos séculos XIX até XX é marcada pela passagem da pedagogia tradicional para a pedagogia nova. Neste caso, a pedagogia tradicional estava muito mais centralizada na prática de saber-fazer conservadora, prescritiva e ritualizada. A pedagogia era caracterizada por uma preocupação com a eficiência sempre maior, inspirada no modelo económico dominante e pelo impulso da educação popular em parte. Este tipo de ensino impulsionava os estudantes a ficar na escuta dos professores.

Vindo no século XXI, o cenário pedagógico mudou, muito mais com a introdução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) nas escolas. O aluno já se sente autónomo em não depender a matéria despejada por docente, mas ir além, como afirmam os autores abaixo descritos.

Para Sales et al (2020), o ensino híbrido conta com modelos pedagógicos diferentes para despertar a curiosidade em diferentes sentidos e identidades. Nesta perspetiva, o ensino híbrido relaciona-se com a inclusão e apropriação do mundo digital, já que a tecnologia é parte do quotidiano dos professores e estudantes, além de ser uma possível potencializadora dos saberes de forma digital, sendo em algum momento significativa.

Estes autores acreditam que o ensino híbrido veio sanar o problema da evasão escolar, dando oportunidade aos alunos que estudavam pela modalidade da educação à distância, de ter mais contacto com os professores, culminando mais motivação e receptividade aos alunos.

Como salientam Bourdieu e Passeron (2009), toda a acção pedagógica produz uma autoridade pedagógica, cuja sem ela não é possível levar-se à cabo a acção pedagógica, pois estas detêm o direito de imposição legítima de significações apesar das variações temporais das tais representações.

Para Lencastre e Araújo (2017), a educação *online* é uma modalidade de educação à distância realizada via internet, cuja comunicação ocorre de forma síncrona e assíncrona

Tanto pode utilizar a Internet para descobrir rapidamente as informações como pode fazer uso da interactividade propiciada pela Internet para concretização da interação entre as pessoas. A primeira categoria ocorre para todos os estudantes simultaneamente. No caso de uso de *chat*, videoconferência, web conferência, classes virtuais e entre outras plataformas, onde todos têm a informação na mesma hora. Enquanto o segundo, acontece em diferentes momentos para cada estudante, de acordo com o tempo e a necessidade de cada um. Nesta, recorre-se às seguintes ferramentas: os tutoristas, fóruns de discussão e/ou correios electrónicos.

Na visão de Lencastre e Araújo (2017), o método híbrido é usado de forma dicotómica, visto que estudantes assim como docentes mostram algumas capacidades no domínio do modelo actual usado no ensino e aprendizagem, que por mais não apresentem o domínio esperado. Silva (2020), afirma que o ensino híbrido surgiu para dar oportunidade para quem gostaria de estudar, mas não tinha tempo ou para aqueles que estavam com idade avançada para frequentar o ensino regular, daí surgiu a ideia de uma metodologia de ensino para suprir essa necessidade e para também facilitar o ingresso nas instituições de ensino superior. Para este autor, o ensino híbrido resulta do desenvolvimento da educação no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) e no cenário inovador na área educacional.

Segundo Moran (2015) e Castro et al (2015), o ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino *online*, com algum elemento de controlo do estudante sobre o tempo, lugar e pelo menos em parte em uma localização física supervisionada fora da sua residência. Estes autores olham o modelo virtual como o mais conveniente para o avanço das actividades escolares.

### **2.1.2 Perspectiva Socio-antropológica**

O segundo grupo analisa o ensino híbrido numa perspectiva sócio-antropológica. Aqui, destaca-se: (Andrade e Monteiro (s/d); Costa et al (2020); Pasini et al, (2020); Mabossa (2015); Fishman (2000); Fernandes e Mercado (2022); Bacich e Moran (2015); e Martins, Vicente de Paula da Silva (2020). Para estes autores, o ensino híbrido resulta

de entrecruzamento e/ou “lugar de fronteiroço”, entre professores e estudantes, visto que, não têm tido contacto directo nas suas interações.

Para Andrade e Monteiro (s/d) o termo “*híbrido*” é do grego *Hybris*, cuja etimologia remete a ultraje, correspondendo a uma miscigenação ou mistura de actividades que violam as leis naturais, portanto, a palavra remete ao que é “originário de espécies diversas”, miscigenação de maneira anómala e irregular. Híbrido, para eles, é também o que participa de dois ou mais conjuntos, géneros ou estilos.

Em parte, o ensino híbrido é o emprego de metodologia de ensino presencial unificando o uso das tecnologias, no desenvolvimento diário do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, os autores põem-se considerar a metodologia híbrida como vantajosa nos resultados académicos do aluno, pois utiliza-se técnicas e tecnologias diversificadas, acesso ao conhecimento em espaço e tempo distintos e independentes e sua aplicação independente do nível e estilo de aprendizagem do aluno.

O ensino tradicional não atende mais o aluno contemporâneo. É importante que ocorra a inserção de uma metodologia inovadora de ensino. Esta metodologia surge como uma solução desta transição visto que, está “directamente relacionada às novas propostas educacionais”.

Desta feita, os autores apontam que a perda da interacção presencial e directa entre alunos e professores ressignificou a consciência social tão importante em meio escolar. Costa et al (2020), por exemplo, frisam que é preciso levar em consideração que o ensino remoto actualmente é considerado a melhor saída para continuar com actividades escolares e minimizar o atraso e as dificuldades dos alunos no retorno às aulas presenciais.

Entretanto, estes autores acrescentam que para que as actividades escolares possam ser significativas e as dificuldades sejam minimizadas, como esperado, se faz necessária uma grande parceria e colaboração de todos os envolvidos no processo educacional de modo a produzir um estudo virtual a partir de casa, diante da sua família e com segurança.

Costa et al (2020) e Martins (2020) defendem que com o afastamento dos estudantes da sala de aula, durante a pandemia, não significou o afastamento dos mesmos da escola. O ensino, na maioria de instituições, passou a ser remoto. Ele precisou ser remodelado e a

concepção de educação foi ampliada pela utilização das tecnologias. Deste modo, percebe-se que escolas, professores, estudantes e famílias tiveram que se adaptar a um novo modelo de ensino em meio às incertezas e fragilidades causadas pela pandemia.

Na mesma linha de pensamento, Pasini et al (2020), argumentam que o isolamento social causado pela COVID-19 levou bilhões de humanos à condição de reflexão e pensamento da necessidade mais efectiva de se considerar um ser social e histórico, pensante e capaz de encontrar uma saída para a educação de pandemia.

O contacto com as novas tecnologias para a educação básica presencial emergencial foi uma peça-chave geradora de um lugar de entrecruzamento, de intercessão ou “lugar fronteiro”, composto de valores e costumes desconhecidos.

Autores como Pasini et al, (2020) e Mabasso (2015) defendem que tudo o que é novo causa um sentimento de “estranho”, visto que assustar-se com o “nunca visto” reside no facto de que a maior parte do conhecimento esteja fora da gente. Portanto, o ser humano que por mais se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido. Em educação intercultural, este conceito é comumente designado por “estranhamento”.

Fishman (2000) explica que o uso da Internet como suporte tem sido apontado como veículo preferencial desta modalidade de ensino, de resto já vivenciado na década 60 com ideia de educação pela rádio e pela TV e nos anos 80 com disseminação do vídeo. Portanto, todas essas propostas acima referenciadas visavam se incorporar no processo do ensino-aprendizagem para a produção do conhecimento, que actualmente vivenciamos com aparecimento da COVID-19 que impulsionou na arena educacional, o uso do método híbrido para o ensino-aprendizagem. Desta feita, o que se tem visto no uso do método híbrido, em sua grande maioria, é a existência de certas limitações, sejam estas de ordem técnica ou conceptual.

De acordo com Bacich e Moran (2015), o ensino híbrido é uma tecnologia que adota de amplas e profundas possibilidades em relação à constituição do progresso de ensino e de aprendizagem de longo alcance, com viabilidade para o intercâmbio de conhecimentos que não se restringem mais nas paredes das salas de aulas, nem nos limites das escolas.

Estes autores concebem o ensino híbrido como aquele que enxerga uma estratégia potente para ajudar na integração entre as escolas e o mundo, pois, o uso das

Tecnologias Digitais e Informação de Comunicação (TDIC's) em abordagens educacionais híbridas promove o desenvolvimento de actividades dentro (*offline*) e fora (*online*) das salas de aulas, estimulando um papel centralizado nos estudantes na construção de seus próprios conhecimentos.

Autores como Fernandes e Mercado (2022) sublinham que o ensino híbrido não se resume ao uso das Tecnologias Digitais e Informação e Comunicação (TDICs), pois envolve uma combinação entre a aprendizagem *online* e presencial, dando ênfase à participação dos estudantes com um certo protagonismo. No que diz respeito ao uso do método híbrido nas escolas, é de tamanha importância o olhar dado às implicações do multiculturalismo para as práticas pedagógicas. Este olhar é motivado pelo reconhecimento da diferença cultural na sociedade e na escola a partir do abandono de perspectivas monoculturais. Isto é, pode se traduzir na diversidade de símbolos, significados, padrões de interpretação e manifestações que se fazem presente na sociedade e nas escolas (Fernandes e Mercado 2022).

Ora, ao pensarmos sobre o ensino híbrido é, antes de mais nada, cruciforme considerar algumas combinações como experiência e aprendizagem integrada que vão além de uma simples combinação em diferentes espaços, tempo, lugares, actividades, metodologias e públicos. A escola deve ser vista como um espaço social de produção de saber, identidade e diferenças (Fernandes e Mercado 2022).

### **Capítulo III**

#### **3. Quadro Teórico e Conceptual**

É crucial que todas pesquisas da arena social como um todo, e da área antropológica sem excepção, estejam empregues numa determinada teoria. Neste estudo, baseia-se em duas teorias. Eis, a saber: a teoria do interacionismo simbólico de Blumer (1980) e a teoria interpretativa defendida por Clifford Geertz (1989).

O interacionismo simbólico teve o seu auge nos anos de 1930 e 1980, e foi defendido em 1937 por Herbert Blumer e, diz que o significado é um elemento mais importante na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos. A teoria do interacionismo simbólico de Blumer (1980) explica que as interações entre os indivíduos são guiadas por significados que cada um atribui às coisas, quer de forma

individual ou colectiva. Em parte, Geertz (1980) defende que as pessoas em um dado contexto produzem múltiplos significados sobre às coisas e, só elas fazem sentido quando são vividas.

Neste caso, o interacionismo simbólico para além de ser uma teoria da arena social é também um conceito que possibilita a análise das pesquisas feitas com base à observação e um paradigma que permite interpretar factos e dados da arena social e simbólica.

Jeon (2004) sustenta que para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa se apoderar dos significados, que são experiências e percepções que os participantes têm em contexto particular.

O interacionismo simbólico compreende três (3) premissas importantes a saber: (i) o ser humano orienta seus actos em direcção a realidades em função do que estas significam para ele; (ii) o significado destas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo; e (iii) os significados se manipulam e se modificam mediante a um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao se defrontar com coisas que vai encontrando em seu caminho.

Entretanto, os pilares do interacionismo simbólico segundo Blumer (1969) assentam a sua base na ideia de que os indivíduos são seres activos, que se orientam pelo que acontece à sua volta e a si mesmos, a partir das interpretações que estes associam aos factos, sendo que as reacções estão intimamente ligadas aos significados que os indivíduos dão no seu dia-à-dia às coisas por meio da experiência social vivida.

Para Carvalho (2010), o significado é entendido como um produto social, uma criação que emana das actividades dos indivíduos à medida que estes interagem no seu dia-à-dia. Neste sentido, Blumer (1980) aponta que no interacionismo simbólico, o significado de uma conduta se forma na interacção social que resulta em significados inter-subjectivos dos actores que interagem. Portanto, o significado é uma reacção dos actores face à acção encarada.

Esta pesquisa vai se aliar ao interacionismo simbólico para compreender as representações, significados e percepções que os indivíduos dão as coisas e, interações que eles têm entre si.

O modelo “interpretativo” de Geertz (1989) consiste em captar a teia de significados que as pessoas de um determinado contexto socio-cultural produzem nas suas relações. A implementação de um novo modelo de ensino e aprendizagem, por exemplo, é uma



espécie de olhar sobre o que o indivíduo pensa sobre as coisas, o significado que atribui a essas coisas e, como são manipuladas socialmente.

Este trabalho pretende explorar a concepção que se tem a respeito do ensino híbrido, as experiências e das percepções e como elas se relacionam umas das outras. Pretende-se entender como os estudantes e docentes que têm vínculo com a UEM concebem o cenário de ensino e aprendizagem em tempo de pandemia, muito mais personalizado na arena educacional para ministrar às aulas.

A teoria interpretativista faz parte deste trabalho para captar a teia de significados, experiências e percepções que os estudantes e professores têm no uso do método híbrido implementado pela e/ou na UEM e, não só, esta teoria ser-nos-á uma luz verde para compreender as relações estabelecidas entre pessoas do mesmo nível e/ou como eles interpretam este fenómeno de ensino e aprendizagem.

## **Capítulo IV**

### **4. Metodologia de Pesquisa**

O presente trabalho é de carácter exploratório, no qual usou-se o método etnográfico que consistiu na recolha de dados, através de várias técnicas. Assim, procurou-se, através do contacto directo, entrar no universo do objecto de estudo para captar a sua lógica quanto às percepções concebidas sobre o ensino híbrido.

Para a materialização deste trabalho, utilizou-se abordagem qualitativa, por ser um procedimento que permite captar significados, motivos, percepções, crenças, e representações que são expressas com base na linguagem usada no contexto em que o fenómeno ocorre. Esta abordagem permite uma aproximação fundamental e de intimidade entre o sujeito e o objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza, conforme ensinam-nos os autores Minayo e Sanches (1993). Esta abordagem permitiu observar como os implementadores de políticas e os beneficiários se relacionam, assim

como as percepções que os professores e estudantes têm sobre o ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

O trabalho foi realizado em três (3) momentos fundamentais: o primeiro consistiu no trabalho de gabinete, que incluiu a pesquisa bibliográfica e documental. O segundo foi o de realização do trabalho de campo. Neste contexto, a prática etnográfica foi realizada em (04) quatro Faculdades nomeadamente: Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal (FAEF); Faculdade de Educação (FACED); Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), no Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) e Faculdade de Medicina. Nesta última, só foi possível conversar com dois professores, informalmente, fora da faculdade. Foi ainda feita a recolha de dados em três (3) Residências Universitárias, nomeadamente, a Residência Universitária Nº 1 (Self) e nas Residências Universitárias Números 6 e 7 (Tangará).

O terceiro momento foi o de compilação de dados, onde se fez uma análise minuciosa da matéria encontrada nas pesquisas bibliográficas e do campo.

#### **4.1. Técnicas de Pesquisa**

De acordo com Castilho et al (2011), para a realização de uma pesquisa científica há necessidade de levantamento de dados e a colheita, que podem ser feitos por meio das técnicas que melhor se adaptam com as características do objecto de estudo.

##### **4.1.2. Pesquisa Bibliográfica e Documental**

A pesquisa bibliográfica foi importante por reunir conhecimentos existentes em torno do assunto que tratamos neste trabalho, ou seja, a pesquisa bibliográfica permitiu esclarecer alguns pontos sobre o assunto. Segundo Castilho *et al* (2011) e Ribas e Fonseca (2008), a pesquisa bibliográfica consiste na consulta de todas as fontes secundárias relativas ao tema em causa. Abrange também todas as bibliografias encontradas em domínio público como livros, revistas, monografias, teses, artigos de internet que debatem o mesmo assunto.

Ao passo que a pesquisa documental serviu para recolher documentos como os decretos ou documentos oficiais sobre o Estado de Emergência no país e no mundo, que possibilitaram a introdução do ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Assim, a pesquisa documental consistiu na recolha de dados escritos ou não,

através das fontes primárias, tal com ensinam os autores Castilho et al (2011) e Ribas e Fonseca (2008).

Assim sendo, a pesquisa bibliográfica e documental deste trabalho decorreu nos seguintes lugares: na Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA); no Centro de Estudos Africanos (CEA); na Biblioteca Central Brazão Mazula (BCBM); e na Internet.

#### **4.1.3. Entrevistas Semiestruturadas**

Esta técnica é uma conversa que se estabelece entre duas ou mais pessoas com o intuito de obter informações acerca do assunto em estudo. Para este assunto muito específico, conversou-se com professores e estudantes de modo formal e informal, apoiando-se de perguntas abertas ou de sentido genérico, proporcionando maior liberdade para os entrevistados, em concordância com Severino (2014); Ribas e Fonseca (2008) e Castilho et al (2011).

Essa técnica tornou imprescindível e abriu um espaço de interacção entre o pesquisador e os seus sujeitos de pesquisa, possibilitando de certa forma uma troca acessível de informações necessárias para a realização do trabalho. As entrevistas semiestruturadas ofereceram uma flexibilidade ao entrevistador no esclarecimento do questionário e adaptação, ao mesmo tempo, às pessoas e circunstâncias, feitas em grupo e/ou individualmente, permitindo captar a expressão corporal do entrevistado, sua tonalidade e suas respostas.

Entretanto, o uso desta técnica é mais para reunir compreensões e percepções das pessoas de forma individual ou colectiva sobre o assunto em epígrafe, como afirma Matakal (2001), que, o objectivo da entrevista é descobrir aquilo que não se pode observar directamente, no caso de sentimentos, pensamentos e das interacções que se estabelecem entre si.

As entrevistas decorreram no Campus Principal da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e Polana Caniço “A”, pois, seu público-alvo foi o de docentes e estudantes da instituição e pais e/ou encarregados de educação, que partilharam suas experiências em volta do modelo do ensino híbrido. Neste contexto, as entrevistas foram conduzidas com estudantes, desde os de licenciatura até os de mestrado e, pais e/ou encarregados de

educação, que vivenciaram o ensino híbrido no âmbito da sua implementação, isto é, em contexto de COVID-19.

#### **4.1.4. Observação Directa**

Para Severino (2014), observação é todo procedimento que permite acesso aos fenómenos estudados. Portanto, esta técnica caracteriza-se na contemplação do fenómeno em causa para obter informações para utilizar na examinação dos factos ou dos fenómenos que se desejam estudar.

Importa referir que esta técnica é extremamente importante para a pesquisa, porque ela não consiste apenas em ouvir, mas também, observar e analisar os fenómenos em estudo como aponta Marconi e Lakatos (2003).

Ora, durante as nossas interações no terreno pudemos observar a expressão corporal do pesquisado, desde as formas de agir, se comportar e sua relação com a fala. Esta técnica permitiu compreender o objecto em análise com mais profundidade, tendo em conta as suas histórias em volta do ensino híbrido em contexto do COVID-19 e sua percepção em volta do mesmo.

Assim, constatou-se que maior parte de professores e estudantes falava sobre o ensino híbrido com um desgosto, tendo em conta as experiências vividas individual e colectivamente, mesmo quando se falasse da sua importância no âmbito da sua implementação.

## **4.2. Instrumentos Usados na Recolha de Dados**

Para o desenvolvimento do presente trabalho, usou-se os seguintes instrumentos para a recolha de dados: celular, gravador, guião de entrevista, bloco de nota, cartas, requerimentos e credenciais direccionadas às faculdades.

### **4.2.1. Perfil dos Participantes da Pesquisa**

A recolha de dados decorreu na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), especificamente com o corpo administrativo das faculdades, professores e estudantes. Como forma de aprofundar o nosso estudo, interagimos com pais/encarregados de

educação residentes no Bairro de Maxaquene “A”, onde recolhemos, igualmente, as experiências vividas com os seus educandos sobre o ensino híbrido durante o contexto pandémico e o seu significado.

O presente trabalho contou com trinta (30) entrevistados, (01) Director da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal; (09) Professores; (15) Estudantes e (05) Pais e Encarregados.

A tabela abaixo apresentam-se os perfis dos nossos entrevistados, começando pelo nome, idade, naturalidade, morada, ocupação e, finalmente, local da entrevista.

Nº	Nome	Idade	Naturalidade	Residência	Ocupação	Local da entrevista
01	Abibo Nordino	23	Maputo	Ferroviário	Estudante	FACED
02	António Alexandre	27	Zambézia	Res. UEM nº 06	Estudante	Res. UEM nº 06
03	António Júnior	45	Maputo	Bairro Central B	Professor	FAEF
04	Alzira Mugunhe	22	Maputo	Hulene “B”	Estudante	Fac. Economia
05	Alexandre Vilela	28	Niassa	Res. UEM nº 6	Estudante	Res. UEM nº 06
06	Beatus Mushambela	32	Tanzânia	Res. UEM nº 01	Estudante	Res. UEM nº 01
07	Benfica Napaua	23	Nampula	Res. UEM nº 06	Estudante	Res. UEM nº 06
08	Euclídes Mathembe	22	Gaza	Aeroporto	Estudante	Fac. Economia
09	Ercílio	43	Maputo	Res. Professores	Professor	FAEF
10	Edna B. Macuácuá	40	Inhambane	Zimpeto	Funcionária	Em sua casa
11	Fernando Neto	28	Inhambane	Res. UEM nº 01	Estudante	Res. UEM nº 01
12	Focas João	29	C. Delgado	Res. UEM nº 01	Estudante	Res. UEM nº 01
13	Hélder João	24	Gaza	Res. UEM nº 01	Estudante	Res. UEM nº 01
14	Hidasse Samidina	26	Sofala	Res. UEM nº 06	Estudante	Res. UEM nº 06
15	John Mesa	40	Zambézia	Hulene “B”	Professor	FAEF
16	José Alexandre	35	Niassa	Maxaquene “A”	Funcionário	Em sua casa
17	Lourenço Vasco	45	Niassa	Boane	Professor	FAEF
18	Mateus António	40	C. Matola	Matola	Professor	Medicina
19	Maurício Mateus	43	Maputo	Bairro Benfica	Professor	FAEF
20	Margarida Paulo	45	Nampula	Res. Professores	Professora	DAA
21	Mércia Jamal	24	Maputo	Bairro Alto Maé	Estudante	FACED
22	Mussa Chumbua	23	C. Delgado	Res. UEM nº 06	Estudante	Res. UEM nº 06
23	Narciso Francisco	43	Maputo	Shopal	Director	FAEF
24	Nelson Faustino	50	Nampula	Sommashild	Professor	Medicina
25	Nilza César	43	C. Matola	C. Matola	Professora	FACED
26	Sheila	24	Maputo	Maxaquene	Estudante	FACED
27	Soares Comé	24	Maputo	Ferroviário	Estudante	FLCS

28	Zeinando Fernando	25	Timor Leste	Res. UEM nº 01	Estudante	FACED
29	José Celestino	50	Niassa	Maxaquene “A”	Pai	Em sua casa
30	Romão Maganigani	45	Cabo Delgado	Maxaquene “A”	Pai	Em sua casa

**Tabela: 01**

Na presente pesquisa, foram usados alguns nomes fictícios como forma de reservar a verdadeira identidade dos participantes da pesquisa.

#### **4.2. 2. Constrangimentos**

De um modo geral, a pesquisa etnográfica permitiu a recolha de dados referentes aos objectivos definidos no presente trabalho. Entretanto, vários foram os obstáculos enfrentados no âmbito da recolha de dados.

Um dos maiores constrangimentos foi o da demora do despacho ou aceitação da pesquisa nas faculdades, bem como ter a oportunidade de conversar com os professores, dadas as suas ocupações. Isto produziu um ambiente de desafios e inacessibilidade para a condução da entrevista de rápida elaboração do trabalho. Esta situação aconteceu porque, em algum momento, criou-se a ideia sobre o trabalho de que podia ferir certas sensibilidades nos sujeitos da pesquisa. Na altura da pandemia, nem todos professores tiveram êxito em ministrar as aulas virtuais, e a nossa pesquisa parecia, mais uma vez, um levantamento de dados de todos os professores que não deram aulas, que no final de tudo far-se-ia um relatório referente a isso, relatório, este que podia comprometê-los.

Por outro lado, não se descartou também a possibilidade de se olhar para o pesquisador como um contratado para avaliar o processo de ensino e aprendizagem com a introdução do ensino híbrido na UEM. Esta situação fez com que as audiências marcadas não fossem concretizadas e algumas chamadas telefónicas não fossem atendidas e caso acontecesse, as respostas obtidas não satisfizessem a real necessidade. Enfim, a frustração.

Alguns professores questionaram a minha fidelidade em ir buscá-los, unicamente, dentro de um espaço coabitado por mais de vinte (20) professores.

##### **4.2.1. Formas de Superação dos Desafios**

Todavia, apesar de todos obstáculos enfrentados, foi feito um esforço no sentido de não deixar com que este desconforto interferisse negativamente na pesquisa. Este desconforto foi sanado pelas explicações que sempre dávamos aos nossos participantes que, tratava-se de um trabalho de carácter académico, sem intenção e sem fins lucrativos e, que não prejudicaria a ninguém ao ser entrevistado.

Entretanto, foi nesta onda em que as instituições começaram a mostrar luz verde sobre a pesquisa. Na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, por exemplo, o director indicou o Chefe de Recursos Humanos para dar assistência e fazer-nos companhia nos gabinetes dos professores marcando audiências. Caso o professor não estivesse no seu gabinete, o nosso guia ligava para o mesmo dando a conhecer sobre a pesquisa.

## **Capítulo V**

### **5. Apresentação e Discussão dos Resultados da Pesquisa**

Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa sobre a matéria em análise. Primeiro, descrevemos as estratégias traçadas pela UEM na ministração das aulas em tempo de pandemia de COVID-19; de seguida, descrevemos ensino híbrido como modelo de organização e gestão de aulas em contexto da pandemia da COVID-19 na Universidade Eduardo Mondlane; e por fim, analisamos as experiências e percepções dos estudantes e docentes sobre o Ensino Híbrido.

#### **5.1. Estratégias Traçadas pela UEM na Ministração das Aulas em Contexto Pandémico**

Nesta parte do trabalho, apresenta-se as ferramentas usadas para a leccionação de aulas híbridas na Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Trata-se de recursos digitais que foram adoptados pelos professores durante a pandemia, as razões de adopção de umas em detrimento das outras, dependendo de faculdade em relação à outra, e de modo particular pelos professores.

Na Universidade Eduardo Mondlane, com a entrada de COVID-19, adoptou-se uma série de estratégias para a leccionação das aulas, como: *uso das plataformas digitais; redimensionamento das salas de aulas; e divisão das turmas*, que pudessem responder às necessidades curriculares para o processo de ensino-aprendizagem. Estas estratégias foram traçadas com intuito de manter o distanciamento social entre professores e estudantes e dar ênfase às actividades escolares.

#### **a) Uso de Plataformas Digitais**

No contexto pandémico, a Universidade Eduardo Mondlane adoptou certas plataformas digitais para a ministração das aulas, tais como: Google Classroom, Google Meeting, WhatsApp, Vula e Zoom.

O modelo do ensino híbrido foi adoptado tendo em conta o tipo de ferramentas e/ou plataformas dominantes em um determinado contexto histórico. A COVID-19 insere-se em um contexto de um gigante avanço tecnológico. Recorreu-se a plataformas virtuais para articular com às aulas presenciais, assim como explica-nos o nosso informante, Director da Faculdade de Agronomia e de Engenharia Florestal (FAEF):

*Olha, nos tempos antigos tivemos esse tipo de ensino, mas utilizou-se jornais, rádios, televisores e cartazes. Mas com a entrada da pandemia e com o avanço tecnológico, o cenário de ensino e aprendizagem mudou bastante. Em tempo de COVID-19 e, com a introdução do ensino híbrido, (online e presencial) recorreu-se às plataformas digitais como a Google Classroom, Google Meeting, WhatsApp e Zoom, diferentemente dos tempos antigos que usávamos ferramentas acima mencionadas.*

Assim como sustentam os interlocutores abaixo:

*É bem provável que tivesse o ensino híbrido há bastante tempo, mas com o aparecimento de COVID-19, notou-se muito mais a sua presença, visto que muitos professores recorreram ao uso de algumas plataformas para dar suas aulas, como: WhatsApp, Vula, Google Meeting, Google Classroom e Zoom. Eu notei que os professores se aliaram a essas ferramentas porque são um pouco acessíveis tanto para professores quanto para os estudantes (Mussa Chumbua, Estudante).*



*Na minha faculdade, as plataformas digitais utilizadas para a ministração das aulas em tempo pandemia foram: WhatsApp, Zoom e Google Meeting (Soares Comé, Estudante da ECA).*

A adoção destas plataformas digitais dependia da percepção particular por cada faculdade, isto é, a filosofia particular entre professores e estudantes, com vista a satisfazer a qualidade de ensino entre ambas partes. Entretanto, o corpo administrativo concebe o ensino híbrido como um modelo desafiador para certas áreas especificamente as laboratoriais que envolvem demonstrações, pese embora reconheça a importância desse ensino, assim como afirma o nosso interlocutor:

*Nós, da Faculdade da Agronomia e Engenharia Florestal, por exemplo, tivemos um meio pelo qual usávamos para proporcionar interação entre professores chamado Moodle, e ao leccionar usávamos o Zoom. A razão pela qual aliamos a plataforma Zoom é porque facilitava a interação conjunta com os estudantes, diferente de outras plataformas como WhatsApp, Facebook, Mail, Google Classroom, Google Meeting, entre outras que não permitiam uma boa interação com os estudantes (Professora. Faura Mauro – FAEF).*

Tendo dito isso, foram priorizadas algumas plataformas à medida que as experiências indicavam a pertinência do seu uso. Esta percepção resultou das interações que permitiram aos participantes comunicar as suas ideias, pensamentos e emoções como se estivessem em um plano físico, assim como explica o nosso interlocutor:

*Na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, professores priorizaram plataformas de Zoom, Mail e WhatsApp, porque foram entendidas como plataformas práticas na ministração de aulas. O Zoom permite que várias pessoas estivessem conectadas na mesma instância; tivessem uma boa interação; fossem mais dinâmicas e, o sistema não se diferisse tanto ao sistema presencial, diferentemente de outras plataformas como WhatsApp, com limitações infinitas para questões de interação numerosa de indivíduos. O Mail era apenas usado para deixar comunicados sobre os conteúdos e acerca das aulas e horas que os estudantes teriam aulas (Prof. António dos Santos Júnior).*

Professor Eng<sup>o</sup>. Narcísio Francisco partilha uma opinião similar:

*Os estudantes pelos quais eu leccionei reclamavam sobre o uso das plataformas através dos recursos, nesse caso, eles diziam que o Zoom consumia muitos megas diferentemente com o Google Meeting e o Mail, então eles preferiam aliarem nessas plataformas além do Zoom por conta de gestão de recursos.*

## **5.2. Redimensionamento das Salas de Aulas e Redução do Número de Estudantes**

No que diz respeito a essa secção, dá-nos a entender como foram estruturadas as salas de aulas e turmas após a entrada em vigor das medidas de restrição impostas pela COVID-19. Assim, as turmas foram divididas em duas partes, em que uma parte vinha participar as aulas em sala de aulas e outra participava às aulas a partir de casa.

A implementação das medidas de prevenção e combate à COVID-19, que resultou com na introdução do ensino híbrido, mudou o ambiente e/ou as formas habituais de leccionação de aulas na Universidade Eduardo Mondlane. Nesse contexto, foram esvaziadas as salas de aulas e a redução do número de estudantes em cada sala com o intuito de manter o distanciamento social, como uma das formas de responder as propostas de prevenção e combate à doença, assim como esclareceu o nosso informante:

*Quando a pandemia chegou, a nossa turma ficou dividida em duas partes, uma parte vinha participar aulas na faculdade nas segundas e terças-feiras e a outra vinha nas quartas e quintas-feiras. Por outro lado, a sala ficou esvaziada de carteiras com objectivo de manter o distanciamento uma da outra (Francisco Júnior, Estudante de Filosofia).*

*Aqui na FAEF, decidiu-se em dividir turmas em duas partes a partir do dia em que disseram que tínhamos de dar aulas remotas (presenciais e virtuais). A primeira, vinha na faculdade para participar às aulas presenciais dependendo do horário fornecido por cada professor e a segunda participava às aulas a partir de casa com intuito de manter a faculdade mais segura da pandemia. (Prof. António dos Santos Júnior – FAEF).*

Todavia, foi um desafio articular a divisão das turmas em pequenos grupos, tendo em conta o número dos estudantes em relação ao número das salas de aulas. Este cenário marcou todo o processo de ensino e aprendizagem durante o período pandémico, que

por consequência, algumas matérias não foram dadas de acordo com os planos de estudos, conforme explica-nos os nossos interlocutores:

*Em tempo de pandemia as carteiras nas salas de aulas foram diminuídas, na minha sala por exemplo, ali nós entrávamos um número considerável como é num anfiteatro, 40 estudantes cabiam, mas com a pandemia a turma foi dividida e começamos a entrar 20 estudantes por cada dia. Foi desafiador sim, por questões de hábito em estarmos juntos lá todos, mas como tratava-se de saúde pública não tivemos outra opção senão dividir a turma (Ângelo Cesar, estudante de Educação).*

*No período de Estado de Emergência os estudantes tiveram um desafio muito grande desde a reestruturação das salas e divisão das turmas até à aplicação das medidas de contenção, como o distanciamento das mesas (Prof. António dos Santos Júnior).*

Este posicionamento insere-se, sobretudo, na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal onde acredita-se que a défice de aulas práticas cria dificuldades nos professores desde a leccionação de aulas, até à avaliação dos próprios estudantes, de modo geral para o ensino e aprendizagem, tal como afirma o nosso informante abaixo:

*Obviamente, o não ter aulas práticas teve um prejuízo muito grande por parte dos estudantes, por um lado as aulas práticas ajudam a compreender aquilo que o estudante teve em sala com as aulas teóricas e, que não compreendeu mas com as aulas práticas ele pode vir a assimilar e consolidar a matéria facilmente. Então, com a falta dessa prática esperava-se que os estudantes tivessem uma deficiência sim... (Dr. António dos Santos Júnior).*

*A minha experiência com o ensino híbrido não foi boa, porque mostrou fragilidade na parte pedagógica, pois ninguém estava preparado com esse modelo, seja para os professores tanto para os estudantes. Por outro, o uso dessas ferramentas não se percebe quase nada, pior ainda com a oscilação de Internet. Uma parte interessante desse modelo é da liberdade de participar às aulas a qualquer lugar que o estudante estiver e a descoberta de novas ferramentas (José Luís, estudante de agronomia).*

### **5.3. Experiências e Percepções dos Estudantes, Docentes e Pais e/ou Encarregados de Educação sobre o Ensino Híbrido**

Nesta secção, discute-se sobre as diversas percepções e posicionamentos dos participantes com quem trabalhamos e recolhemos informações sobre o assunto em estudo. Estas percepções enquadram-se em três principais grupos que constituem o nosso foco na presente pesquisa. Estes três (03) grupos são: estudantes, professores e pais/encarregados de educação.

#### **5.3.1. Percepções de Estudantes**

As informações obtidas com camada estudantil revelam que o ensino híbrido é objecto de muitas percepções, das quais agrupamos em (03) três perspectivas. (i) o ensino híbrido como novas formas de saber; (ii) o ensino híbrido como liberdade no espaço e no tempo; e, (iii) o ensino híbrido como metodologia que requer investimento.

##### **a) Percepção de que o ensino híbrido abre o espaço para novas formas de saber**

Nesta perspectiva, arrolamos percepções dos estudantes que analisam o ensino híbrido como avanço tecnológico e abertura de horizontes para o mundo, e que não se pode descartar nem tão pouco, como apontam os nossos intervenientes abaixo:

*Dizer que com o ensino híbrido descobri novas plataformas, novas tecnologias, nova forma de estudar que antes não sabia, em suma abriu-nos olhos para novas formas de saber estar e ser (Euclides Mathembe).*

*Para mim, com a introdução do ensino híbrido na faculdade, levou-me a conhecer novas ferramentas tecnológicas e, abertura do horizonte (Soares, estudante da ECA).*

*Eu olho para o ensino híbrido como positivo porque ajudou-nos bastante, abriu-nos olhos para o mundo fora, tornamo-nos competentes em certas coisas que tradicionalmente não eram usadas, como é o caso do Google Meeting, eu não sabia usar, mas senti-me forçado a aprender a partir do momento que foi introduzido este modelo de ensino (Mussa Chumbua).*

*Pelo que sei a formação do homem não depende apenas da escola, mas através das tecnologias também pode se formar, com as tecnologias o homem aprende a qualquer sítio que quiser e que estiver (Soraya Gomes, Estudante de Direito).*

Em parte, existem estudantes que entendem o ensino híbrido como uma inovação para o processo de ensino-aprendizagem, apesar das dificuldades constatadas quanto ao uso das ferramentas, assim como dos recursos em questão, assim como fazem referência os depoimentos abaixo:

*Na verdade, achei uma experiência inovadora já que o nosso país está de alguma forma a desenvolver, achei interessante optarmos a essas plataformas para a leccionação das aulas a nível da nossa universidade (Sabino Colete, estudante de FENG).*

*Para mim, o ensino híbrido é bom, apesar de ter ainda algumas dificuldades para aceder as plataformas (Alexandre Vilela, estudante da FAEF).*

*Eu prefiro que o ensino híbrido mantenha para preparar um futuro melhor para os estudantes que vêm nas universidades, para que eles saiam das suas casa enquanto têm conhecimentos que aqui estuda-se de forma virtual e por um lado presencial (idem).*

Estes tantos posicionamentos permitem-nos, até certo ponto, entender que, há quem entenda que a inovação feita ao ensino híbrido insere-se apenas como alternativa em contextos pandémicos, onde a interacção é condicionada por várias normas e medidas de prevenção, contanto que não se pode estabelecer contacto cara-à-cara. Como forma de sustentar, alguma experiência nos é contada nos seguintes termos:

*O ensino híbrido trouxe-nos alguns parâmetros que em casos de dificuldades de ter uma participação presencial ainda pode-se usar outros meios alternativos que são virtuais para a ministração das aulas, isto é, o ensino híbrido entrou com intuito de ajudar, no caso de não se ficar parado em tempos difíceis. Então a minha experiência em relação esse tipo de ensino foi bom (Alexandre Vilela, Estudante de Agronomia).*

**b) Percepção de que o ensino híbrido dá liberdade no espaço e no tempo para estudar**

Nesta perspectiva, estão arroladas entrevistas de estudantes que olham o ensino híbrido com uma valia de abrir espaço de liberdade em ambas partes, tanto do professor quanto do estudante para aceder as aulas.

Existem estudantes que olham a pertinência do ensino híbrido apesar das limitações que ele apresenta, tendo em conta o contexto em que foi introduzido e as diferenças sociais, em termos de posses e domínio no uso dos dispositivos, do material electrónico e muito mais, conforme os depoimentos abaixo:

*Para mim, a parte interessante desse modelo é de liberdade do estudante em participar às aulas a qualquer lugar que estiver (Soares Comé, Estudante da ECA).*

*O ensino híbrido é um bom modelo para alguns cursos porque hoje é COVID-19, amanhã pode vir a ser uma coisa pior que isso, então nunca é demais nos preparar para coisas do género, uma vez que, é um modelo que abre horizonte para nos comunicamos com pessoas de fora, fazemos cursos a partir de Moçambique para outros países (idem).*

Assim como mostra o depoimento abaixo:

*Na verdade, o ensino híbrido é muito bom, porque se não tivesse esse modelo de ensino acredite que eu ainda ficaria sem saber como interagir com pessoas, se por acaso marcassem sessões virtuais (Focas, Estudante de FAEF).*

### **c) Percepção de que o ensino híbrido requer investimento**

Nesta parte do trabalho, vamos arrolar entrevistas dos estudantes que retratam acerca de ensino híbrido enquanto método que carece de financiamento.

Existem estudantes que entendem este modelo de ensino como um, dentre vários, que não reúne condições para garantir uma boa pedagogia. Este modelo não permite uma boa interação entre estudantes e professores. O maior desafio deste modelo de ensino foi o de as condições na aquisição de bons dispositivos que suportassem os aplicativos adoptados pelos docentes na ministração de aulas virtuais, assim mostram os depoimentos:

*Quanto à minha experiência do ensino híbrido, não foi boa. Porque passei por muitas dificuldades para acessar as plataformas, tinha falta de computador e celular naquela altura, apesar de me ver com esse celular isso adquirir há pouco tempo, mas naquele tempo não tinha quase nada se não bombinha, cebolinha... e não ajudava em nada bem que sabes (Alzira Mugunhe).*

Outros afirmam que mesmo com recursos disponíveis, a interação virtual é condicionada pela qualidade da própria Internet que não é controlada, geralmente, nem pelos professores, nem pelos estudantes. Assim, o ensino híbrido é concebido como deficitário quanto a componente virtual por várias razões que condicionam a interação entre os próprios estudantes com os professores:

*Estudar no celular não é nada fácil, mesmo para quem tem recursos, através das limitações do funcionamento dos mesmos, a interação fica condicionada. Para mim, prefiro ter aulas presenciais do que virtuais. Eu, por exemplo, me sinto bem, e bem mesmo estudar dentro da sala de aulas, tendo aquela interação com professor, tendo discussões com os colegas (Euclides Macthembe).*

Estas percepções resultam das experiências vividas durante o confinamento conduzido pela COVID-19 e mudaram radicalmente as formas habituais de ensino para um contexto em que as pessoas não estão acostumadas e muito menos preparadas no uso dessas ferramentas virtuais no âmbito acadêmico, assim como afirmam as nossas interlocutoras:

*A minha experiência com o ensino híbrido não foi tão boa, porque não estava preparada em termos de material para proceder com esse tipo de ensino e, não só, me dificultava muito na percepção da matéria (Mércia, Estudante da Educação)*

*A entrada de COVID-19 e a introdução do desse ensino foi um momento horrível que nem quero imaginar das dificuldades que passei, porque na altura nem tinha celular e nem computador para acompanhar às aulas. Então para mim, o método híbrido não foi boa.*

Assim como mostram os depoimentos abaixo:

*A minha experiência em relação esse tipo de ensino não foi boa, porque por um lado o ensino híbrido mostrou fragilidade na parte pedagógica, acredito eu que*

*ninguém estava preparado com esse tipo de ensino, seja para os professores tanto para os estudantes. Por outro, no uso dessas ferramentas não se percebe quase nada, torna-se cansativo em escutar o professor no celular, pior ainda com a oscilação de Internet (Soares Comé, Estudante).*

Outros estudantes consideram esse modelo de ensino como um modelo que não olha para as diferenças socioeconómicas, como aponta o depoimento abaixo:

*A minha percepção sobre o modelo híbrido cinge-se em não considerar as nossas diferenças, visto que nem todo mundo conseguiu estar nas aulas por falta de ferramentas que ajudariam a aceder as aulas, como celulares, computadores, Internet, etc. (Mussa Chumbua, Estudante).*

*Eu conheço alguns colegas que quando quisessem participar aulas, aproximavam-se de outros colegas para juntos estarem na aula e isso era desafiador tanto por parte do colega que ajudava, tanto por parte dele próprio, olhando um pouco do distanciamento social que esteve em vigor (ibid).*

Todavia, há estudantes que olham o ensino híbrido como um caminho inadequado para o contexto moçambicano, mas deixam ao critério daqueles que detêm o poder da implementação do mesmo para a sua ministração, como afirmam os nossos entrevistados:

*Colega, essa coisa de estudar de forma virtual é perturbador... sabe, mesmo eu que estou num nível um pouco elevado me estressa, que tal aqueles que nunca ouviram falar desse método, como vão-se aliar? Mas como já estamos a usar, convém eles melhorar o tipo de ensino (Euclides Mathembe, Estudante).*

*Por mim, o ensino híbrido não é bom para o nosso contexto, porque se nós formos a ver, a maior percentagem dos estudantes é aquela que não reúne condições financeiras agradáveis, e isso prejudica grandemente o seu desempenho académico, foi e, é doloroso para os colegas que não têm dispositivos que lhes vão e/ou serão útil para esse tipo de ensino, mas como já foi implementado, que deixemos assim (Mussa Chumbua, Estudante).*

Estas percepções são de estudantes que claramente se inserem nas aulas práticas. Estes entendem que o ensino híbrido é um modelo que não se adequa no seu tipo de aulas que



por consequência, muitos não podem satisfazer o quadro dos seus objectivos, assim como mostram os depoimentos abaixo:

*A minha experiência em relação o ensino híbrido não foi fácil, porque eu não estava preparado tanto financeiramente tanto psicologicamente e, acho que ninguém estava preparado para esse tipo de ensino, até existiram colegas que trancaram as suas inscrições por essa razão, disseram eles que não dava mais em estudar a arquitetura, porque tudo nessa área faz-se na prática e no computador. E com essas limitações não ajudavam em nada mesmo para nós que ficávamos (Beatus Mushambeta - FENG).*

*O ensino híbrido é um bom modelo para alguns cursos porque hoje é COVID-19 amanhã pode vir a ser uma coisa pior que isso, então nunca é demais nos preparar para coisas do género. Mas para nós estudantes das áreas práticas precisamos dum acompanhamento com o professor e com essa metodologia não será fácil (idem).*

*As nossas aulas foram comprometidas com a introdução do ensino híbrido porque nós temos tido aulas práticas além das teóricas. Eu não aprendi as coisas porque precisava ir no campo, mas nenhum dia fui para ir mostrar e experimentar aquilo que aprendi em sala de aulas. De modo geral, não visitamos as nossas plantas e muito menos fazer regas e nem fazer o acompanhamento no crescimento das mesmas. Por outro lado, questões de gestão da turma. Por exemplo, era normal um estudante, mesmo eu que estou a falar, deixar o cell ligado e ficar a fazer minhas coisas, se sabia que por mais que não participasse nas aulas, poderia vir a passar da cadeira (Focas Lucas, Estudante de Agronomia).*

Estas declarações permitem-nos entender que, há quem entende que a inovação feita ao ensino híbrido insere-se apenas como alternativa em contextos pandémicos, onde a interacção é condicionada por várias normas e medidas de prevenção, contando que não se pode estabelecer contacto cara-à-cara. Como forma de sustentar esta ideia, conta-nos o estudante de biologia nos seguintes termos:

*Se a situação de pandemia continuar, convém ainda estarmos nessas plataformas a estudar, mas sem deixar de trás que são improdutivas. Saiba que, aliamo-nos nelas por falta de opção como queremos nos formar, vamos...mas se*

*a coisa de COVID-19 acabar melhor gente voltar ao nosso sistema antigo, cara-à-cara com professor e, em sala de aula (Benfica Napaua, Estudante de Biologia Aplicada).*

*Essas plataformas são, sim, interessantes, mas para dominá-las foi muito difícil, primeiro é por não ter nascido num lugar onde brincam com as tecnologias e por outro é de que tenho que me sentir acolhido na sala de aulas com os professores e não só, estudando fora não entra quase nada se não ter uma interação com os professores e colegas na sala de aulas (idem).*

Não obstante, as experiências mostraram que o contexto da implementação do ensino híbrido não levou em conta o domínio das plataformas em ambas partes, tanto a de estudantes, bem como a de professores, e como resultado, alguns professores optaram por não dar aulas:

*Eu acho que o ensino híbrido será bom, se os professores estarem preparados para tal, sem isso eu sou da opinião que deixemos de recorrer esse tipo de ensino porque não estamos preparados, assim sendo, perdemos o nosso tempo em vão, visto que nem aquele que diz vai leccionar as aulas não está preparado, afinal o que estamos a fazer? Outra questão é a melhoria da Internet para que haja a boa interação virtual entre os beneficiários (Alzira Mugunhe, Estudante de Economia).*

*Em termos de qualidade, esse tipo de ensino eu acho que não é eficaz, pelo que tenho visto por parte dos professores é falta de preparação, responsabilidade e compromisso, porque em algumas vezes os próprios professores esqueciam-se facilmente que marcaram aulas na hora X, e passando o tempo não davam mais as aulas porque tinham outros compromissos (Alzira Mugunhe, Estudante de Economia).*

De referir que, essa percepção é fruto das experiências vividas em contexto de COVID-19, que mudaram o ambiente universitário, quase que radicalmente, em termos de obrigações no uso de diversos dispositivos e plataformas no processo de ensino-aprendizagem, tanto para os professores, assim como estudantes, todos surpreendidos com a nova situação de medidas preventivas, assim como afirma o nosso interlocutor:

*Este modelo não foi viável devida a plataformas introduzidas para a ministração das aulas, para mim em particular não estava habituado em estudar a partir de casa, porque em casa há muita coisa que acontece, por um lado por questões familiares e por outro, falta de concentração para aulas (Benfica Napaua, Estudante de Biologia Aplicada).*

Afirma o estudante Focas Lucas:

*Nós não estávamos preparados para a ministração das aulas de forma virtual e que por outro, muitos estudantes não têm condições para participar uma aula online, isso leva com que os estudantes fiquem prejudicados e até o próprio professor, porque em algumas vezes tem de deixar passar muitos estudantes por mais que não saibam nada. Isto é, o aproveitamento pedagógico automaticamente baixa, porque muitos estudantes não participam nas aulas por falta de dispositivos e por sua vez o professor é obrigado a passar a maior dos estudantes.*

*O que ainda vejo em Moçambique sobre esse modelo, é a por falta de recursos, nesse caso a universidade podia ter um programa ou campanha para sensibilizar os seus estudantes na distribuição dos computadores para cada estudante, assim acredito eu que iria ajudar em algumas vezes para mergulharmos nessa metodologia (Zeinando Fernando, Estudante de Educação).*

Todavia, existe no meio de estudantes uma percepção de que mesmo com recursos disponíveis no uso do modelo híbrido, há resistência por parte de professores que se desligaram desse modelo, podendo comprometer a eficácia desse tipo de ensino. Abaixo, podemos ver algum relato similar a respeito da matéria:

*O que nos mata aqui em Moçambique é resistência à mudança, achando que para formar um homem é indo a escola, sem saber que com as tecnologias, podemos aprender a qualquer sítio que estivermos. Temos de ter em conta que estamos num mundo tecnológico, cujo podemos ter aulas que estejam a decorrer fora do nosso país através de um link (Zeinando Fernando, Estudante de Educação).*

Com estas percepções, pode-se constatar que há uma forte resistência no uso deste modelo por razões tais como: tédio por se estar muito tempo em casa, má qualidade de internet, entre outras que, fazendo com que as aulas não ganhassem a maior visibilidade como o esperado.

No entanto, apesar dos desafios arrolados pelas experiências vividas no uso do modelo híbrido, a maior parte de estudantes entende que é importante manter este modelo de modo a torná-lo familiar para com os beneficiários no espaço universitário, tendo em conta o avanço tecnológico actual.

### **5.2.2. Experiências e Percepções dos Professores**

Com a introdução do modelo de ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em contexto do COVID-19, os professores tiveram variadas experiências, tendo em conta as áreas de ensino, assim como o tipo de aulas que cada faculdade e/ou o curso, de modo particular.

Neste contexto, verificamos uma diversidade de percepções sobre o ensino híbrido no seio dos professores que supostamente deram as suas aulas de forma virtual, em parte, outros ainda dão as aulas nesse modelo e outros já descontinuaram (resistência) através do tipo de cadeira leccionada. Assim, das informações obtidas com os professores revelam que o ensino híbrido é objecto de muitas percepções das quais agrupamos em (03) três perspectivas. (i) o ensino híbrido como novas formas de saber; (ii) o ensino híbrido como liberdade no espaço e no tempo; (iii) o ensino híbrido como metodologia que requer investimento.

#### **a) Percepções de que o ensino híbrido abre espaço para novas formas de saber**

Nesta parte do trabalho, ilustramos as percepções dos professores sobre o ensino híbrido enquanto formas de saber. Deste modo, os professores olham o ensino híbrido na perspectiva de mais um passo a frente para o processo de ensino-aprendizagem.

Todavia, professores entendem que o modelo de ensino híbrido é pertinente para continuar a ser usado na Universidade Eduardo Mondlane, apesar das limitações que nele se apresentam, segundo o argumento:

*Por mim, este método híbrido pode sim continuar a ser usado, para em casos de um professor viajar ou ficar doente ou mesmo ficar muito ocupado sim pode-se*

*usar esse método para que os estudantes não saiam prejudicados por conta disso, mas não creio que o ensino online venha a ser priorizado para a leccionação das aulas (Eng<sup>a</sup>. Faura Mauro).*

*O ensino híbrido chegou e veio para ficar, neste caso já demos um passo e não podemos dar retrocesso sobre esse tipo de ensino visto que estudantes assim como professores já estão a socializarem-se sobre essa metodologia de ensino e aprendizagem. Porque em algumas vezes esse ensino facilita no caso de um professor estiver ocupado pode vir a aliar-se a essa metodologia para lecionar as suas aulas dependendo do local que estiver na mesma para os estudantes (Eng<sup>o</sup>. Narcísio Francisco).*

A mesma ideia é partilhada pelo Professor John Mesa, no seguinte depoimento:

*A minha percepção sobre esse método é que de não pararmos de leccionar aulas online, mas o que não podemos fazer é depender a essa metodologia na sua plenitude (John Mesa, Prof. FAEF).*

Alguns professores entendem que o ensino híbrido é um acto benéfico, tendo em conta as circunstâncias em que o mesmo foi implementado, apesar das limitações que o apresenta. Neste sentido, cabe aos professores como articuladores das aulas, responder as necessidades curriculares, assim como afirma o professor abaixo:

*Pelo que vi nos meus colegas é de que muitos deles reclamavam sempre com esse método, alegando este não ser bom para a ministração das aulas. De facto, foi, sim, difícil adaptar-nos a esse método, mas não tivemos outra escolha se não nos adaptarmos. (Eng<sup>o</sup>. Faura Mauro, Professora).*

#### **b) Percepção de que o ensino híbrido requer investimento financeiro para aceder as plataformas**

O modelo de ensino híbrido é concebido pelos professores como um desafio tendo em conta a situação e o contexto em que foi introduzido na Universidade Eduardo Mondlane. Para este grupo, as aulas foram articuladas tendo em conta a situação económica dos próprios estudantes, com vista a satisfazer os interesses comuns na

adopção das ferramentas usadas na ministração de aulas online. Deste modo, foram suspensas aulas de carácter prático, ficando com as teóricas que eram leccionadas virtualmente, como afirma o professor abaixo.

*No período de Estado de Emergência, os estudantes tiveram um desafio muito grande porque algumas cadeiras práticas foram suspensas por conta da pandemia. O que o grupo de trabalho fez foi de atribuir exercícios aos estudantes para que pudessem fazer a partir de suas casas e apresentar de forma virtual (Prof. António dos Santos Júnior, Agronomia).*

*No tempo de Estado de Emergência, tivemos uma paragem com as aulas práticas por exemplo, e isso me afectou bastante porque por mais que a turma estivesse dividida, era necessário observar todas as medidas de contenção e que não foi tao fácil, principalmente nas minhas aulas, por um lado tínhamos material único e o mesmo tinha que ser usado por turma toda e, como tratava-se do momento pandémico, em que não podíamos partilhar objecto com outro no caso de enxadas, catanas, regador, etc., assim foi difícil gerir as minhas aulas (Prof. Maurício Mateus).*

Existem professores que entendem o ensino híbrido como o meio que não reúne condições que garantem uma boa interacção entre professores e estudantes, como nos a professora Faura:

*Eu penso que no ensino online é preciso que o professor seja muito dinâmico para captar atenção dos estudantes, sem isso, tornar-se-á difícil sair com sucesso, por acaso eu fiz algum curso relacionado com a leccionação virtual e, quando chegou o tempo de dar aula em online não me assustou tanto, mas vi colegas a dançarem mesmo.*

Em parte, existem professores que vêem o ensino híbrido como um desafio por falta de recurso por parte dos estudantes, assim como afirma o seguinte depoimento:

*Em relação o ensino híbrido, para mim, tornou difícil porque eu dou aulas laboratoriais, em parte, eu constatei que eles não tinham condições para participar nas aulas. Só, eu posso projectar aulas aqui na faculdade ou em minha casa num computador e, o estudante, por sua vez, assistir aulas num dispositivo que nem eu conseguiria ver algumas coisas, de tanto ser uma*

*pequena tela. Então isso foi muito complicado para alguns estudantes, até outros não tinham quase nada, o que lhes levou a recorrer nas casas de outros colegas para participar aulas. (Engº. Mateus António).*

*Eu percebi que nem todos os estudantes estavam preparados para fazer isso. Eles foram obrigados a ter aulas de forma remota, ora, mesmo se fosse eu não iria conseguir fazer isso temos que olhar a parte dos recursos que os nossos estudantes não possuem (Idem).*

Anota o nosso interveniente abaixo:

*Quando introduziu-se o ensino híbrido houve um trabalho intenso feito a nível da Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal que foi o de capacitar os professores e socializá-los com as plataformas. Mas para além dos professores que foram capacitados, também houve falta de recursos por próprio estudante para participar nas aulas, porque não bastava preparar os professores sem antes saber o que os estudantes possuíam para esse modelo (Engº. Narcísio Francisco).*

Todavia, alguns dos nossos entrevistados alegam que a permanência do ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane é condicionada com certos recursos a recorrer, como afirma o nosso entrevistado abaixo:

*Para que a tecnologia seja usada, é preciso ter recursos como celular android, computador, Internet, e/ou plataformas dependendo de faculdade para outra, ou de professor para outro. Se um certo país não tem essas condições, convém descontinuar o método. Mas se acham que com a experiência que tiveram estão preparados, levem avante esse método (Engº. Maurício Mateus, Professor).*

*Nós tivemos uma paragem com as aulas práticas, por exemplo, porque por mais que a turma estivesse dividida, era necessário observar todas as medidas de contenção e que não foi tão fácil, principalmente, nas minhas aulas. Só para ver como a coisa funcionava, por um lado tínhamos material único e o mesmo tinha que ser usado por turma toda e, naquele tempo como podíamos gerir essa questão visto que estávamos em tempo de pandemia. Até para fazer enxertia, era difícil porque houve escassez de material para o uso (idem).*

Os professores entendem que o caminho viável para satisfazer a qualidade de ensino, através do modelo híbrido é a criação de condições que possam responder os desafios que o mesmo apresenta, tendo em conta as experiências vividas no contexto da sua implementação, como mostram os argumentos abaixo:

*A primeira experiência mostrou que precisamos dum investimento sobre as plataformas. Este tipo de ensino houve choque porque desde a minha nascença, fui socializado em estudar presencialmente e não virtualmente. Neste caso, fui socializado a conhecer aquele que me ensina e aquele que está comigo na mesma turma e não ser leccionado com o invisível (Engº. Maurício Mateus, Professor).*

*Na parte dos docentes, para o uso dessas plataformas há uma resistência, eles sempre diziam que esse modelo não dá para leccionar, por um lado por questões de socialização e por outro por questões de hábitos e costumes de como dar aulas e como é visto o ensino e aprendizagem em Moçambique (Engº. Narcísio Francisco).*

O argumento acima converge-se com a percepção dos estudantes. Alguns professores resistem às mudanças no âmbito da implementação do ensino híbrido. É de salientar que, estas percepções são consequências das condições impostas pela COVID-19, onde os usuários contam o ensino híbrido como a primeira experiência na vida deles.

Como se sustenta abaixo:

*O ensino híbrido é uma primeira experiência que tive, que supostamente precisa dum investimento sobre as plataformas...olha, neste tipo de ensino, houve choque porque desde a minha nascença fui socializado em estudar presencialmente e não virtualmente, neste caso fui socializado a conhecer aquele que me ensina e aquele que está comigo na mesma turma e não ser leccionado com o invisível (Prof. Maurício Mateus).*

*Por outro, esse tipo de ensino foi muito complicado porque tornava difícil controlar as presenças dos estudantes e muito mais a sua atenção, como sabe que um estudante pode ligar os seus dados estar na aula mas não estar a prestar atenção, neste caso estar a fazer coisas dele (idem).*

**c) Percepção de que o ensino híbrido dá liberdade no espaço e no tempo**



Nesta secção, apresenta-se percepções de alguns professores que olham o ensino híbrido como benéfico e que abre espaço de liberdade para professores em dar suas aulas em qualquer sítio que estiverem de acordo com seu horário.

*Para mim, o ensino híbrido está bem-vindo na UEM. Entretanto, essa forma de estudar não limita o estudante. O estudante pode ter as suas aulas em qualquer sítio que achar melhor para tal (Doutora Margarida Paulo).*

*É complicado leccionar aulas por via online porque existem cursos, matérias que infelizmente não se podem leccionar com eficácia por essa via. Mas esse modelo permite com que o professor e estudante estejam num ambiente seguro como nos escritórios em suas casas, e não só, com esse modelo evita a deslocação dos intervenientes (Prof. António dos Santos Júnior).*

*O bom do ensino híbrido é que os professores não se limitam em uma única forma de dar aulas. Por isso, permite com que o professor dê aulas presenciais para os conteúdos que não têm como para participar a partir de casa, por exemplo, as aulas práticas que sejam laboratoriais e, virtuais às aulas que sejam inerente que a partir de casa o estudante vá perceber (idem).*

Como se refere o abaixo:

*Eu, como professor, cheguei de notar que, quando os estudantes estão fora da escola não estudam, então eles ficavam muito mais a vontade estando em casa que em sala de aulas. Só para ver, o mesmo estando aqui, eles em algumas vezes não levam a sério, imagine estando em casa e diante de família o que você acha que acontece (Professor Maurício Mateus).*

*Eu sinto que é uma coisa positiva, mas isso requer disciplina em ambas partes, tanto nos professores como nos estudantes, porque quando são dadas as aulas, é preciso que os dois lados estejam disponíveis tanto para assistir e leccionar aulas (Professora Margarida Paulo).*

Assim como mostra o depoimento abaixo:

*O ensino híbrido chegou e veio para ficar. Neste caso, já dêmos um passo e não podemos dar retrocesso sobre esse tipo de ensino visto que estudantes assim como professores já estão a socializarem-se sobre essa metodologia de ensino e aprendizagem. Porque em algumas vezes, esse ensino facilita no caso de um*

*professor estiver ocupado pode vir a aliar essa metodologia para lecionar as suas aulas dependendo do local que estiver na mesma para os estudantes. Entretanto, esse método de ensino tem essa particularidade de deixar livre os seus usuários a participar as suas aulas a qualquer canto do mundo (Engº. Narcísio Francisco).*

#### **d) Percepção de que para melhorar o ensino híbrido os professores devem ser preparados**

Os professores entendem que o caminho para satisfazer a qualidade de ensino, através do modelo híbrido é a criação de condições que possam responder os desafios que ele apresenta, tendo em conta as experiências vividas no contexto da sua implementação, como mostram os argumentos abaixo:

*Primeiro, os docentes precisam ser preparados para o uso das plataformas, porque há uma tamanha resistência. Eles sempre diziam que esse modelo não dá para leccionar por causa do não domínio das plataformas. Eu, por exemplo, passei por dificuldades porque não tinha passado por uma experiência típica a esta. Por um lado, por questões de socialização e por outro, por questões de hábitos e costumes de como dar aulas e como é visto o ensino e aprendizagem em Moçambique (Engº. Osvaldo).*

Assim como mostra o depoimento abaixo:

*Na verdade, se os nossos professores não estiverem preparados, não terão como leccionar no sistema virtual, porque o modelo requer uma preparação contínua (John Mesa, FAEF).*

#### **e) Percepção de que o ensino híbrido dá limitações nas aulas laboratoriais**

Nesta parte do trabalho, vamos apresentar entrevistas que explicam a respeito do ensino híbrido, enquanto método que limita aulas laboratoriais.

Alguns entrevistados entendem que este modelo de ensino como algum que não reúne condições para garantir uma boa pedagogia por parte laboratorial, porque não permite uma boa interacção entre estudantes e professores.

Por parte dos professores, alega-se que o ensino híbrido limita as aulas laboratoriais, e face a isso, preferem parar com ensino híbrido por conta dessas limitações, uma vez que

as aulas se inclinam muito mais na prática laboratorial, como afirmam os intervenientes abaixo:

*Sabe, com entrada de COVID-19 e com a introdução do ensino híbrido na UEM, eu não acreditava que iria terminar meu curso, porque fiquei muito traumatizado com essa coisa de estudar de forma virtual, tive muitas limitações por conta. O tipo de aulas que temos tido na Faculdade de Engenharia, então, as nossas aulas requerem muito mais o modelo presencial que virtual (Engº. Aristides Óscar -FENG).*

Assim, a nossa entrevistada abaixo mostra as limitações das aulas virtuais em ambas partes, tanto nos professores quanto nos estudantes, e abrem uma preferência directa às aulas presenciais:

*O ensino presencial é a nossa base e nada pode substituir esse tipo de ensino, uma vez que ensino online não consegue captar alguns aspectos importantes que o professor pretende dar aos estudantes, na mesma que os estudantes têm para mostrar ao professor. Nas cadeiras laboratoriais, por exemplo, como é que o professor podia fazer as demonstrações virtualmente. Sendo assim, o ensino presencial é o que encontramos a ser usado e/ou sempre foi assim e não é por acaso, então é viável para o ensino-aprendizagem e os estudantes percebem mais quando vêm as coisas a serem feitas (Alzira, 23 anos de idade).*

Deste modo, os nossos entrevistados avaliam o processo de ensino-aprendizagem de forma sintética quanto a sua interacção, onde alguns preferem aulas presenciais que *online*. Presencial por conta de interacção face-à-face entre professor e estudante. Como proferem os nossos entrevistados abaixo:

*Eu me sinto bem e acolhida quando estou em sala de aulas com professor e meus colegas, visto que é lá, onde temos discutido em relação a matéria em estudo e, eu sempre gosto aquela interação eu-professor-colegas (Alzira, 23 anos).*

Assim como mostra o depoimento abaixo:

*Olha Fidélcio, a interacção entre pessoas anima! Imagine se tivesse marcado audiência e termos essa conversa de forma virtual o que você acha que seria?*

*Sabe, mesmo nas nossas funções cognitivas acho que têm sido melhor quando há essa interacção entre pessoas (Faura Mauro. FAEF).*

### **5.2.3. Experiências e Percepções dos Pais/Encarregados de Educação sobre o Ensino Híbrido**

Nesta secção, discute-se as diversas percepções e posicionamentos dos pais e encarregados de educação a partir das suas experiências vivenciadas com a introdução do ensino híbrido no contexto do COVID-19. Dos dados recolhidos por meio de entrevistas semiestruturadas, constatamos quatro (4) percepções por partes dos pais e encarregados de educação sobre o modelo de ensino híbrido na Universidade Eduardo Mondlane.

#### **a) Percepção de que o ensino híbrido dá liberdade no espaço e no tempo**

O modelo de ensino híbrido é concebido pelos pais/encarregados de educação como benéfico para o ensino e aprendizagem, apesar dos desafios tendo em conta a situação e o contexto em que foi introduzido na Universidade Eduardo Mondlane.

Existem pais/encarregados de educação que conseguem ver a potencialidade de ensino híbrido, porém, temos os seguintes depoimentos que fazem referência a escrita acima:

*Eu reconheço a potencialidade do ensino híbrido, porque por um lado, o ensino permite e/ou reúne condições de leccionação das aulas num momento que não podemos ter um contacto directo entre colegas e professores. Então, esse modelo de ensino ajuda bastante nessas circunstâncias. Por outro lado, o ensino híbrido é bom porque abre espaço de interacção entre os beneficiários, uma vez que dá liberdade de participar às aulas a qualquer sítio que esteja, e não só, ajuda muito em situações de calamidades que nós passamos no caso de COVID-19 (José, pai e encarregado de educação).*

#### **b) Percepção de que a Universidade deve dar apoio técnico e material aos estudantes**

Dado que o ensino híbrido constitui uma política pública, a sua implementação na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) teve aceitação, porém, lamenta-se a falta de apoio da própria universidade logo à introdução do ensino híbrido, preferiram assim

porque nem todos os pais/encarregados de educação reuniam condições para compra de dispositivos para seus filhos, uma vez que ninguém estava preparado.

Como se depõe abaixo:

*Eu, como pai e encarregado de educação, senti a falta de apoio pela parte da universidade, a UEM, sendo uma instituição do governo tinha que dar apoio aos seus estudantes e, não implementar um modelo de ensino sem antes reunir condições para o efeito. Uma vez que nem todos estudantes possuem as mesmas condições financeiras, o que a UEM podia fazer, seria distribuir dispositivos como: celulares, tablets ou mesmo computadores para estudantes necessitados (Romão Maganigane, pai e encarregado de educação).*

*Sabe, o que eu vivi como pai e encarregado de educação no tempo de COVID-19 e essa forma de estudar dos nossos filhos foi muito complicado, uma vez que as escolas não se responsabilizaram em nada e, o maior desafio ficou para nós que somos pais e encarregados de educação, nós é que ficamos muito mais preocupados para educação dos nossos filhos que a instituição, isso quer dizer que as instituições e/ou a UEM não ficou a par, senão sensibilizar em participar às aulas online (idem).*

**c) Percepção de que o ensino híbrido requer investimento financeiro para aceder as plataformas**

A maior parte dos pais e encarregados de educação que tivemos nas entrevistas, acredita que se o ensino híbrido for investido, será um bom modelo para as suas crianças.

Não obstante, as experiências mostram que o contexto da implementação do ensino híbrido não levou em conta às questões culturais e económicas tanto dos pais e encarregados de educação e a comunidade académica, e como resultado, alguns estudantes optaram por desistir a faculdade, assim frisa a nossa interlocutora abaixo:

*Para levarmos avante esse modelo de ensino, é preciso ser investido principalmente por parte dos estudantes, porque nem todos os estudantes têm as mesmas condições financeiras. Tem meu vizinho ali que seu filho desistiu a escola por falta de condições, ele não tinham como comprar celular para seu filho, por conta disso levou ao seu filho a desistir da universidade. Então, o que*

*devia se fazer, era de se criar esse modelo de ensino e dar uma mão aos pais (Edna Bié Macuácuca, mãe).*

Assim como sustenta o interlocutor abaixo:

*Numa instituição pública como a UEM, quando se quer implementar um tipo de sistema é preciso que reúna condições para que o sistema não tenha impedimentos para sua implementação tanto por parte dos estudantes tanto por parte dos professores (José, pai e encarregado de educação).*

#### **d) Percepção de que o ensino híbrido é constrangedor para os estudantes**

Alguns pais e encarregados de educação avaliam o ensino híbrido como modelo que limita no seio social (estudante e família). No momento em que o espaço é único, mas deve-se usar o mesmo para servir de sala de aula, sala de jantar e serve também a sala de televisão, como sustenta a senhora Edna Macuácuca:

*Eu notei uma coisa perante a COVID-19, principalmente, nos dias que o meu filho tivesse aulas, uma vez que o espaço é único e ele pedia que ficasse sozinho para ter aulas num ambiente saudável que em algumas vezes não era possível, os irmãozinhos dele queriam assistir TV e ele proibia, tanto para ele como para os outros parentes, ficavam frustrados por conta disso, conforme vedes que a minha casa é muito pequena só tem dois quartos, uma sala e uma dispensa. Então, as vezes ele ia para faculdade como forma de procurar um meio favorável para a participação das aulas ou outro sítio.*

Não obstante, alguns pais entendem, igualmente, que a entrada de COVID-19 em Moçambique impulsionou a implementação de novas formas de leccionação que antes eram opcionais. Neste caso, os nossos interlocutores mostram, por um lado, que o ensino foi introduzido num momento em que ninguém estava preparado para fazer face as condições impostas pela universidade num momento em que a pandemia paralisava quase tudo, e por outro, trouxe novas formas de estudar, conforme o depoimento abaixo:

*Essa maneira de estudar trouxe muita coisa boa e má. Uma das boas foi a de ver meu filho a estudar e a dedicar-se a partir de casa que antes não fazia, quer dizer que passou a ter uma nova forma de estudar, apesar do meio não ser favorável ele se adaptou, mas foi por falta de opção para estudar. E a coisa má*

*é do nosso contexto que esse modelo não se enquadra bem por questões de custo de vida (Alexandre António, pai e encarregado de educação).*

Assim como afirma o nosso entrevistado abaixo:

*No tempo em que às aulas eram leccionadas presencialmente o que mais me preocupava era de procurar dinheiro para comprar fichas para os meninos, mas com a entrada de COVID-19 o cenário praticamente mudou, nesse sentido, fui obrigado a comprar dispositivos que suportassem plataformas para a leccionação das aulas e, isso para mim foi frustrante (Alexandre António, pai e encarregado de educação, trabalhador das minas).*

Na mesma fala, o nosso interlocutor acrescenta:

*Quando entrou a COVID-19, eu passei muito mal, porque eu, enquanto pai e encarregado de educação dos meninos, não tinha condições para investir meus filhos, principalmente o menino que estava a exigir um novo celular e, mesmo tendo celular começou a exigir também megas que isso foi frustrante para mim (Pai e encarregado de educação, comerciante).*

## **Capítulo VI**

### **6. Conclusão**

O presente estudo abordou sobre “*Experiências e Percepções sobre o ensino Híbrido na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em contexto de COVID-19*”. Especificamente, o estudo procurou identificar as estratégias traçadas pela UEM para a ministração das

aulas em contexto da pandemia da COVID-19; descrever como é que a COVID-19 e o método híbrido reconfiguraram a organização do modelo de ensino e aprendizagem na Universidade Eduardo Mondlane (UEM); e descrever as experiências e percepções dos estudantes e docentes sobre o ensino híbrido adoptado pela UEM.

Os resultados revelaram que a introdução do ensino híbrido em contexto da COVID-19 foi experienciada de várias formas das quais podem ser descritas em três sentidos. Como primeiro sentido, o ensino híbrido foi inserido num contexto em que os usuários não estavam preparados para o devido uso; o segundo sentido diz respeito as condições socioeconómicas que caracterizam a diversidade dos estudantes da própria instituição universitária; e o último insere-se no contexto em que predominam recursos digitais, designadamente por avanço tecnológico.

As experiências vividas mostraram um défice em termos de recursos para que todos usuários tivessem o acesso às plataformas digitais. Dado que ninguém estava preparado com o modelo de ensino híbrido, maior parte de usuários enfrentou muitas dificuldades no uso não só das plataformas, como também dos próprios dispositivos como celulares andróides, computadores, tabletes, entres outros.

Diante dessas experiências, a pesquisa mostrou que o ensino híbrido teve as seguintes percepções entre os estudantes: (i) a percepção de que o ensino híbrido mostrou novas formas de saber; (ii) o ensino híbrido deu liberdade no espaço e no tempo para os usuários; e que o ensino híbrido como metodologia requer mais investimento.

Para os professores, o ensino híbrido é visto como um que abre novas formas de saber; (ii) o ensino híbrido dá liberdade no espaço e no tempo; (iii) o ensino híbrido como metodologia requer investimento financeiro; e (iv) a percepção de que para melhorar o ensino híbrido os professores devem ser preparados.

Entre pais e encarregados de educação, o ensino híbrido é visto como: (i) um modelo que dá liberdade no espaço e no tempo; (ii) percepção de que a universidade deve dar apoio material e técnico aos estudantes. (iii) percepção de que o ensino híbrido requer investimento financeiro para aceder as plataformas; (iv) percepção de que o ensino híbrido trouxe novos convívios sociais (familiar); (v) percepção de que o ensino híbrido como modelo que não olha as diferenças socioeconómicas e culturais dos estudantes e (vi) percepção de que o ensino híbrido é constrangedor para os estudantes.



O estudo conclui que apesar das dificuldades enfrentadas, pelos professores, estudantes e pais e encarregados de educação, que olham para o ensino híbrido como um modelo plausível, tendo em conta os seus benefícios para o processo de ensino e aprendizagem no ensino superior, especificamente para a Universidade Eduardo Mondlane. Constatamos também que o estudo traz consigo uma política pública que tem recebido várias reacções da sociedade à comunidade académica sobre o modelo de ensino.

### **Referências Bibliográficas**

Agum, Ricardo. Riscado, Priscila. Menezes, Monique. 2015. “*Políticas públicas: Conceitos e análise em revisão*”. In: Agenda política. Vol.3. no.2. Dez, pp: 25 – 37.

Bacich, Lilian. 2016. Ensino híbrido: Relato de formação e prática docente para a personalização e o uso integrado das tecnologias digitais na educação. Simpósio Internacional de Educação e Comunicação-SIMEDUC, n.07, pp: 04 - 30.

Bacich, Lilian; MORAN, José. 2015. Aprender e ensinar com foco na educação híbrida. Revista Pátio, v. 17, n. 25, pp: 45-47.

Bacich, Lilian; Neto, Adolfo Tanzi e Trevisani, Fernando de Mello. 2015. Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação. Brasil. Porto Alegre.

Bourdieu, Pierre; Passeron, Jean – Claude. 2009. A Representação: Elementos para uma Teoria de Sistema de Ensino. Cavilha: Lusosofia.

Blumer, Herbert. 1980. "A Natureza do Interacionismo Simbólico". In: *Teoria da Comunicação: Textos Básicos*. São Paulo: Mosaico, pp. 119-37.

Carvalho, Virgínia Donizete; De Oliveira, Livia Borges e Do Rêgo, Denise Pereira. 2010. "Interacionismo simbólico: Origens, pressupostos e Contribuições aos estudos em Psicologia Social". *Psicologia Ciência e Profissão*. 30 (1). Pp: 146 – 161.

Carvalho, Carlos e Pontes Alexandra Sevinate. 2020. Algumas reflexões sobre o impacto da crise pandémica no Ensino Superior. Núcleo de Estudos e Projectos, Área de Estudos, Planeamentos e Qualidades. Brasil, pp: 01-10.

Castiano, José Nguenha e Severino, Elias. 2012. A longa marcha dum "Educação para todos" em Moçambique. 3ª Edição. Maputo: Publifix. Lda.

Caria, Telmo, 1992. "*Perspectiva sociológica sobre o conceito de educação e a diversidade das pedagogias*". In: *Pedagogia do oprimido*. 17ª Edição, São Paulo: Rio de Janeiro, pp: 171 – 184.

Caria, Telmo. 1992. "*As finalidades sociológicas da Educação na formação do professor, STO e EATEVES*". In: *Sociologia na escola: professor, educação e desenvolvimento*. Porto Afrontamento.

Cuamba, Crescêncio L. F e Nhapalela, Gerson T; Mabota, Genésio Luís; Nhachengo, Nelson Ernesto; Nhanombe, Mário Pascoal; Cuambe, Titos Alberto; Lamas, Edgar Manuel R. e Verissimo, Magali F. 2021. Covid-19 situação de configuração – desafios para a educação situações vivenciadas em escolas moçambicanas. Universidade

Metodista Unida de Moçambique. Revista de estudos Interculturais da CEI – ISCAP. N° 09. Maio, pp: 01 – 30.

Costa, António Érica Rodrigues at a. 2020. “Os desafios do ensino remoto em tempo de pandemia no Brasil”. VII Congresso Nacional de Educação, São Paulo, 21 (2) 2558 – 8829.

Da Silva, Beatriz Nunes; Aguiar, Mateus Mundium e Costa, Simone Teles da Silva,. 2020. “*Ensino Híbrido*”. In: Uma nova experiência na educação superior. Vol.20, n° 44, pp: 01-28.

Durkheim, Émile. 2009. Educação e sociologia. Edição 70. Lisboa/Portugal.

Durkheim, Émile. 1998. Políticas e Pedagogia. Porto: Edições Afrontamento.

Fernandes, Carlos Correia e Mercado, Luís Paulo Leopoldo. 2022. “*Ensino híbrido e compromisso social*”. In: Identidade, diferença e personalização do ensino híbrido: Reflexões em tempos de pandemia, mas para além dela. São Paulo, V. 24, Campinas, Janeiro/Abril. Pp: 113 – 132.

Freire, Paulo. 1970. A Pedagogia Oprimida. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Pp: 01 – 107.

Freire, Paulo. 1998. Política e pedagogia. Porto: Edições Afrontamento.

Freire, Paulo. 1967. Educação como prática da liberdade. Editora: Civilização brasileira S.A.

Fishmann. Roseli. 2000. Da linguagem oral á linguagem da Hipermedia: Reflexões sobre cultura e a formação de educador. São Paulo, 14 (2), Perspectiva, pp: 1-11.

Geertz, Clifford. 1989. A interpretação das Culturas. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro.

Lencastre, José. at al. 2007. “Educação Online: Uma introdução”. Porto, Libro de Artas do Psicopedagogia, A. Conuna/Universidade da Coruna: Revista Galego – Portuguesa de Psicologia e Educacion, pp: 1-7.

Miranda, Kacia Kyssy Câmara; Lima, Alzenir da Silva; De Oliveira, Valeska Cryslaine Machado e Telles, Cinthia Beatrice da Silva. 2020. Aulas remotas em tempo de

pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. VII Congresso Nacional de Educação. Rio Grande do Norte, pp: 01-12.

Lumbela, Narciso Amoroso Salomão. 2017. “Educação a distância no ensino superior em Moçambique: uma realidade, um desafio”. Maputo, pp. 11-27.

Mabasso, Raúl Salvador. 2015. Práticas e percepções associadas á qualidade de ensino no âmbito da introdução da “passagem semi-automática” no ensino básico. Maputo, pp: 01 – 39.

Marconi, Mariana de Andrade e Lakatos, Eva Maria. 1991. Fundamento de Metodologia Científica. São Paulo, 5ª Edição. Editora Atlas S. A.

Martins, Vicente de Paula da Silva. 2020. Educação em tempos de pandemia. São Carlos. Editores Pedro e João.

Pasini, et al. 2020. “A Educação Híbrida em tempo de pandemia: Algumas considerações” In: Observatório Socioeconómico da Covid-19. Santa Maria, 09. 01-09.

Reis, Filipe. 1997. “Da antropologia da escrita á literacia: Algumas reflexões sobre o Estudo Nacional de Literacia”. In: Educação, Sociedade e Cultura. São Paulo, nº 08, pp: 105-120.

Santinello, Jamile; Costa, Maria Luisa Furlam e Santos, Renata Oliveira. 2020. Virtualização do Ensino Superior: reflexões sobre políticas públicas e Educação híbrida. Paraná-Brasil. Curitiba, Vol. 36, pp: 01-20.

Sawaya, Sandra Maria. 2000. “Alfabetização e fracasso escolar: Problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista”. In: Educação e pesquisa. São Paulo, V. 26, nº.1, Junho/Julho, pp: 67-81.

Santos, Dayane Rodrigues; Oliveira, Kaila Fernandes e Soares, Zilma Cardoso Barros. 2021. Desafios enfrentados pelos professores no cenário pandémica e no pós- pandemia: professores e os desafios encontrados em tempo de pandemia. 17, (15), 01-08.

Serra, Carlos Manuel. 2020. Colectânea de Legislação sobre o Estado de Emergência por razoes de calamidade pública (Pandemia Covid-19) 7ª Edição. Maputo. Junho de 2020. Universidade Eduardo Mondlane. 7ª Edição, pp: 01-274.

SILVA, José. 1986. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio.

Silva, Alba Valéria Vieira; Santos, Helisandrados Reis e Paula, Luiz Henrique. 2020. “Os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem em tempo de pandemia nos cursos de graduação”. VII Congresso Nacional de Educação. São Paulo, 21 (2) 2558 – 8829.

Trujillo, Ferrarri. 1974. Metodologia da Ciência. Rio de Janeiro: Kennedy.

Wedel, Janine; Shore, Cris; Feldman, Gregory and Lathrop, Stacy, 2005. “[Towards an Anthropology of Public Policy](#)”, *The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, 600, (July): 30-51.

### **Artigos de Internet:**

Bacich, Lilian. 2020. Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na Educação.

Disponível em: <https://eadbox.com/o-que-e-ensino-hibrido/#:~:text=tecnologia%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D,O%20que%20%C3%A9%20ensino%20h%C3%ADbrido%3F,e%20presenciais%20possibilita%20uma%20experi%C3%Aancia%20completa%20para%20todos%20os%20participantes.,Veja%20tamb%C3%A9m%3A%C2%A0> (Consultado a 24 de Dezembro de 2021).

Gusmao, Neusa Maria Mendes. 2021. Antropologia e Educacao: Origens de um dialogo. Disponível em: (<https://info.qs.com/rs/>) (Consultado a 12 de Fevereiro de 2022).

MCTES, 2020. “*Skills 4 pós-Covid-19-Competências para o futuro*”, Em <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/covid-19-avisos>. Acedido em 16 de maio de 2020.

OMS Organização Mundial de Saúde (2020) “<https://www.who.int/news-room/detail/29-06-2020-covidtimeline>, acedido em 21 de maio de 2020

Wedel, Janine; Shore, Cris; Feldman, Gregory and Lathrop, Stacy, 2005. “[Towards an Anthropology of Public Policy](#)”, *The Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, 600, (July): 30-51.

### **Documentos e legislações**

Universidade Eduardo Mondlane. Exortação nº. 2/2022. De 30 de Maio. Encerramentos das aulas presenciais na UEM. Maputo.

Ministério de Educação e Cultura (MINED). 2012. Plano Estratégico da Educação 2012-2016. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.

Ministério de Educação e Cultura (MINED). 2006. Plano Estratégico da Educação 2012-2016. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.

Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH). 2018. Plano Estratégico da Educação 2012-2016. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique. EP.

Boletim da República de Moçambique (BRM). 2020. Aulas. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique. EP.

Moçambique. Decreto Presidencial nº 110/243. De 18 de Dezembro de 2020. Medidas de condensaço de Covid-19. Maputo, v. 2, pp: 01-8.

Moçambique. Decreto Presidencial nº. 4/2022 De 18 de Fevereiro. As medidas de contenço da propagaço da pandemia da COVID-19. Maputo. Imprensa Nacional de Moçambique.